

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

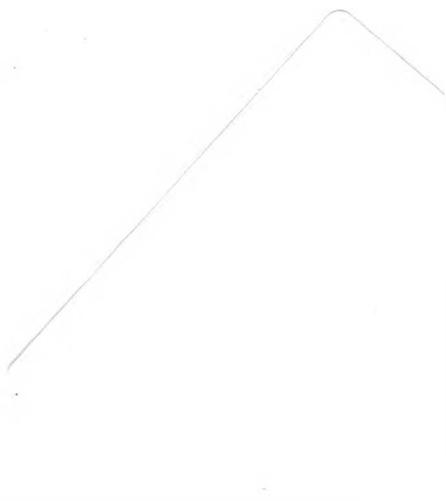
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

ALUNA: MARA KARINNE LOPES VERIATO

MATRICULA : 29813262

MONOGRAFIA

O EIXO DA TEORIA É A PRÁTICA





Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

INTRODUÇÃO

Muitas vezes escutamos a seguinte frase: “Há uma grande distância entre a teoria e a prática”. Mas ora, se a teoria em seu íntimo pretende ser prática, por que há entre uma e outra esse abismo? Será que não é possível uni-las através de uma boa elaboração prévia? É com base nessas perguntas que na presente monografia faço uma breve retrospectiva da minha vida acadêmica e ao mesmo tempo faço uma análise de como essa vida acadêmica contribuiu para que eu, enquanto professora, tivesse a possibilidade de ter um domínio teórico e prático, para poder com isso, trabalhar com uma história que abordasse a teoria e a prática de uma forma acessível aos alunos.

O texto foi organizado e dividido em três capítulos com diferentes abordagens. No primeiro capítulo faço um memorial do curso, onde enfatizo em algumas disciplinas cursadas, as contribuições dadas por elas para a minha formação profissional. Além das disciplinas, relembro lugares e encontros que me possibilitaram a interação dentro do curso.

No capítulo dois relato as minhas experiências no decorrer das disciplinas cursadas no último período, dando uma maior ênfase à disciplina Prática de Ensino, a qual me forneceu em primeiro lugar a possibilidade de ministrar aula a alunos de Ensino Médio, e em segundo lugar me forneceu o tema que trabalharei no terceiro capítulo, que é ver a história através do eixo temático.

CAPÍTULO I

Falar sobre nossas experiências no decorrer de nossa vida acadêmica não é uma coisa fácil e nem simples, pois a universidade, como o nome já anuncia, abarca um abrangente universo de espaços e pensamentos; como nossa memória é seletiva, corremos o risco de deixar alguns fatos de muito significados de fora. Sendo assim procurarei aqui escrever as coisas que mais me foram interessantes, que mais me chamaram a atenção com relação a minha formação enquanto pessoa, historiadora e principalmente enquanto professora de história que leciona para adolescentes.

No meu 2º grau, a disciplina de historia era ministrada por dois professores, um tratava da historia do Brasil e outro tratava da historia geral. Apesar de serem bons professores e de passarem os conteúdos sistematicamente e seqüencialmente através do livro didático (o que segundo os diretores e a coordenação da escola era uma coisa boa), em geral eles não questionavam em nenhum aspecto a postura do autor do livro, e poucas vezes problematizavam os assuntos narrados. Assim o livro didático, de Nelson Pilletti e José Jobson de A. Arruda, “Toda História”, era uma verdade para os alunos que decoravam os capítulos para se submeterem a avaliação.

Em 1998 entrei para o curso de História e conheci a turma, tudo era novo e estranho: as salas, a forma como os professores ministravam a aula e os colegas, e foi envolvida por essa atmosfera de estranhamento que eu comecei a descobrir as belezas que permeavam a história, e como era apaixonante perceber que o conteúdo cursado no decorrer do 1º e 2º graus eram apenas uma faceta daquela múltipla palavra chamada História.

Já no 1º período através das cadeiras da grade curricular, comecei a ter contato com as várias vertentes históricas, na disciplina de Introdução foi nos apresentada às várias concepções de tempo do homem: o homem pré-histórico, por exemplo, não tinha, (segundo alguns escritores) uma noção muito clara dos feitos do tempo, pois havia poucas modificações ao seu redor; o homem antigo por sua vez via os acontecimentos como sendo circulares, ou seja, os acontecimentos se repetiriam várias vezes no decorrer do tempo e a concepção linear e evolutiva do homem moderno. Todas essas maneiras de ver o tempo, já nos davam uma breve noção da diversidade conceitual, que iríamos ter a oportunidade de

conhecer (embora que superficialmente), no desenrolar dos pré-requisitos além de Introdução, outras disciplinas marcaram o meu primeiro período: Pre-História, História Antiga Ocidental, onde fiz uma produção textual a respeito da medicina no antigo Egito, Introdução a Sociologia. Tais cadeiras contribuíram para que a disciplina “decorativa” do 1º e 2º grau se tornasse uma grande paixão. Matriculei-me no segundo período empolgada, empolgação essa que durou até o quarto período quando comecei a trabalhar. Em 1998.2º período, foi um período muito interessante descobri muita coisa na Universidade: O LAEG (Laboratório de apoio ao ensino de graduação) esse se constitui em um espaço muito interessante para os alunos do Centro de Humanidades, é onde a maioria deles tem acesso a internet, onde se pode pesquisar, discutir via rede com outras pessoas, sobre os mais variados assuntos e onde podemos digitar trabalhos, ou seja, e o local no qual o aluno pode ampliar suas possibilidades de pesquisa; descobri o Cantinho Universitário, popularmente conhecido como C.U. (bar que fica em frente ao Campus) esse bar era um local de lazer mais também era um local de muitas discussões acadêmicas, era lá, onde em meio a conversas “fiadas” as vezes adentrávamos nas discussões históricas, e eram discussões muito proveitosas onde geralmente cada um falava das suas impressões sobre um determinado autor ou determinado texto; e por fim descobri o Centro Acadêmico de História no qual fui tesoureira, vice-presidente, o centro acadêmico era o local onde fazíamos reuniões, onde decidíamos assuntos dos interesses dos alunos e principalmente era, e ainda é, o local de encontro dos estudantes. Além dessas descobertas, digamos que “geográficas”, posteriormente também consegui compreender melhor nas disciplinas de teoria da História e História Medieval Ocidental, que a História poderia ser construída de acordo com a postura teórica de quem escreve, e de quem analisa a História, demorou para que eu pudesse entender a idéia de que uma autor com base em suas escolhas poderia construir a História de determinada pessoa, de determinado país e até mesmo de determinada época.

No final de 1999, comecei a trabalhar, e o entusiasmo do início deu lugar ao cansaço, perdi uma disciplina e atrasei o curso em seis meses. Porém apesar dos problemas continuei com o curso que tanto me fascinou no primeiro momento, pensei em desistir, felizmente continuei, já pensou que pena deixar de assistir e participar de aulas de América I, América II e América III, onde aprendemos um pouco mais sobre os povos Pré-

colombianos, sobre Montezuma e Cortez, sobre as ditaduras Latino-americanas, sobre a independência do EUA entre outros assuntos. Já pensou, deixar de assistir aulas de Brasil aonde vimos assuntos como escravidão, reforma urbana, e cinema. Já pensou deixar de ver Paraíba, de ver e discutir a história Contemporânea com suas guerras e suas grandes mudanças e historiografia? Não quero nem pensar nessa hipótese.

Devido à pluralidade de posturas uma grande dificuldade que senti foi com relação à descontinuidade entre disciplinas que deveriam ser complementares. Dentre todas as disciplinas da grade curricular, a mais coerente em relação a seqüenciação, foi a de América, talvez porque as três cadeiras oferecidas no fluxograma tenham sido ministradas pelo mesmo professor, alguns pré-requisitos, no entanto, talvez devido à falta de diálogo entre os professores que ministravam tais disciplinas não tinham a mesma continuidade, isto é, as disciplinas de Brasil, de Contemporânea, de Paraíba e Moderna que são disciplinas extensas e precisam ser divididas, deveriam ser pensadas a partir de pelo menos um eixo que norteasse as discussões em sala de aula, tal postura não impediria o professor da disciplina de mostrar sua visão ou suas visões a respeito do tema. Fazendo com que nós alunos conseguíssemos encontrar um ponto de ligação entre as disciplinas seqüenciadas.

Porém, creio que a maior preocupação dos nossos professores, era a de trabalhar a história problematizando-a, o que possibilitou a nós alunos uma maior capacidade de análise crítica a respeito dos textos que foram sendo ministrados, como também nos possibilitou ver a história de uma forma mais abrangente, dando-nos assim a chance de discutir, analisar e até criticar a postura do próprio professor, e bem verdade que a maioria dos alunos tem recusa de fazê-lo. Com isso cheguei a conclusão que a preocupação dos professores em relação a formação do aluno e futuro professor, se constitui na medida em que esse aluno reproduzir o conhecimento por ele passado, discute e analisa esse conhecimento de preferência voltado para sua postura teórica e avalia o aluno depois de completar esse processo, esquecendo de fazer a ponte entre a teoria textual e a realidade prática.

Algumas experiências dentro da academia me foram muito importante, tive o prazer de participar da monitoria voluntária da disciplina História Medieval Oriental¹ onde pude ver com maior profundidade parte da história da China e suas dinastias e da cultura

¹ Ver anexo I – Capítulo I

indiana como também seus legados para o ocidente. Aprendi a trabalhar com uma turma diferente e discutir como ocidente através do orientalismo ver o medieval Oriental. Nunca me esqueci dos agradecimentos de Antônio Carlos em uma das provas dessa disciplina, onde ele agradeceu a monitora pela colaboração dada a sua aprendizagem na disciplina. Foi uma experiência muito boa.

Particpei do mini-curso intitulado “A ordem das disciplinas”² ministrado pelo professor doutor Alfredo da Veiga Neto da Universidade do Rio Grande do Sul, onde vimos a importância da interdisciplinaridade, principalmente entre as ciências humanas, uma vez que o historiador busca a arqueologia, a antropologia, a sociologia, a literatura entre outras ciências, para lhe auxiliar na elaboração ou reelaboração da história. Particpei do Primeiro Encontro Científico – Cultural do curso de história³, realizado no CERES, campus de Caicó na Universidade Federal do Rio Grande do Norte no período de 05 a 07 de Julho de 1999, onde aprendemos a importância da museologia. E por fim particpei do curso “teoria e Metodologia: um olhar sobre o ensino de História”⁴ ministrado pelos orientados da professora Eronildes Câmara Donato, realizado no período de 30 de Novembro de 2000 a 1 de Abril de 2001 na UFPB, campus II, Campina Grande.

Iniciei minha vida como professora no mesmo período em que estava começando a cursar as últimas cadeiras da grade curricular do curso de História. Apesar do pouco tempo estar na sala de aula, é uma experiência enriquecedora, por que tive a oportunidade de aplicar na prática o que vi em quatro anos. Ensinar é uma experiência assustadora e ao mesmo tempo entusiasmante assustadora porque o curso apesar de nos dar uma boa base teórica, pouco nos prepara para a licenciatura e entusiasmante porque o professor é um desafio, desafio que vamos vencendo dia após dia, aula após aula.

Foi muito feliz, a coincidência do início da minha vida profissional⁵ com as últimas cadeiras do curso (prática de ensino, metodologia e T.E.H. em prática.), pois tive a oportunidade de experimentar as idéias de tais disciplinas na prática com os alunos. Tive também a oportunidade, na disciplina de prática, de ministrar aula em um curso temático para estudante de segundo grau; em metodologia fizemos um plano de aula onde tentamos descobrir quais as nossas intencionalidades e em T.E.H.(Prática) estamos tendo a

² Ver anexo 2 – Capítulo I

³ Ver anexo 3 – Capítulo I

⁴ Ver anexo 4 – Capítulo I

⁵ Ver anexo 5 – capítulo I

oportunidade de fazer esse memorial. Essas três disciplinas foram muito importantes, pois, contribuíram para que pudéssemos pensar qual o nosso papel enquanto professor, como também que o professor não deve ser, mero transmissor do conhecimento, ele tem que estar a todo o momento repensando as suas posturas e principalmente valorizando o aluno para poder apreender a história junto com ele.

CAPÍTULO II

As últimas disciplinas da minha graduação foram: Tópicos Especiais em História (complementação da prática), Metodologia e a Prática de Ensino. Essas três cadeiras, ministradas pela professora Eronides Câmara Donato, foram abordadas de forma distinta das disciplinas anteriores, pois foi aberto espaço para que nós alunos pudéssemos discutir elaborar e também avaliar os métodos utilizados nas próprias disciplinas⁶.

Em Tópicos Especiais em História (Complementação da Prática) discutimos textos que tratavam das relações entre professor e alunos, entre professor e escola, entre professor e a sociedade. Tais leituras forneceram o alicerce para o debate nas demais disciplinas do período. Em Metodologia do Ensino, por exemplo, iniciamos as atividades fazendo uma análise a respeito das intencionalidades que permeavam os nossos discursos, depois, com base em nossas leituras e no exame das intenções de cada um, elaboramos um plano de aula diferente⁷ dos planos convencionais. Esse plano foi uma espécie de texto onde seguimos, em parte, a estrutura de um plano convencional: o tema, a justificativa, os objetivos específicos, a metodologia e por fim a avaliação.

O tema, no plano, seria o assunto ou o título que iria ser trabalhado na aula. A justificativa por sua vez, se constituiu em uma espécie de explicação do tema, nele é dada uma visão panorâmica das intenções, das escolhas teóricas e do recorte temporal de quem elabora o plano. Na terceira parte são elaborados os objetivos específicos, e são nesses objetivos que as intenções do planejador, aparecem com maior nitidez, uma vez que, são nesses objetivos que são dadas as pistas de como o tema vai ser abordado e problematizado. Outra etapa do plano de aula é a elaboração da metodologia, que serve como uma espécie de mapa que indica as possibilidades de se atingir os objetivos, ou seja, é na metodologia onde são apresentados os métodos, que vão ser utilizados para apresentar e problematizar o tema com intuito de atingir os objetivos colocados no plano de aula. É também nessa parte que os recursos didáticos que vamos utilizar, são situados. Essa forma de fazer a metodologia, e dentro dela colocar os recursos didáticos que vão ser utilizados se constitui,

⁶ Ver anexo I – Capítulo II

hoje, em uma nova perspectiva de elaboração de plano de aula. A avaliação foi à parte mais complexa do plano de aula, porque avaliar parte de escolhas muitas vezes feitas pelo professor e não pelo aluno, pensar uma avaliação menos arbitrária nesse sentido, foi um desafio que até hoje não sei se consegui atingir.

Falei anteriormente, que o plano elaborado por nós da disciplina de metodologia, era diferente, falei isso porque se tirássemos as subdivisões que demarcam o plano, iríamos ter um pequeno texto conexo e coerente a respeito de como e de que forma a aula iria ser ministrada. Esse tipo de plano em forma quase textual conecta todas as idéias da aula de forma mais completa do que as dos planos convencionais, planos esses que são fragmentados e muitas vezes de difícil compreensão por parte dos alunos.

A Prática de Ensino, se constituiu na disciplina mais complexa e mais difícil, creio eu, para todos, porque foi onde enfrentamos todos os medos gestados no decorrer do curso, o principal desses medos, é o de enfrentar uma sala de aula e no nosso caso uma sala de aula com cento e trinta alunos e três professores assistindo.

Pois bem, vamos começar falando sobre como se deu a elaboração da prática. No primeiro momento não sabíamos como ela seria feita, a primeira questão foi, qual a escola onde iríamos fazer-la e qual a disponibilidade de horário que os alunos da prática teriam para ir para campo, depois de muitas controvérsias a professora Nilda deu-nos uma idéia que foi aceita por todos os alunos. A idéia consistia em trabalhar os assuntos do vestibular com alunos do ensino médio, em uma espécie de mini curso para vestibulandos, onde seguiríamos a linha do mais recente vestibular da UFPB que abordou a história através de temas e foi daí surgiu a idéia de fazermos cursos temáticos para o vestibular.

A etapa seguinte foi dividir os assuntos do primeiro, do segundo e do terceiro ano do ensino médio e distribuí-los entre três grupos: O primeiro grupo (Alexandra, Juciene, Karinne e Raquel) ficou com o assunto que ia da “pré-História” até a “Idade-Média” o segundo grupo (Cícera, Elson, Kiara e Silvia) ficou com o “período Moderno” e o terceiro grupo (Izabel, Georgie, Natali e Nazilma) ficou com o “Período Contemporâneo”.

Demarcado os limites históricos de cada grupo, o passo seguinte foi decidir o período de duração e o local desse curso; ficou decidido então, que iria começar no dia 16 de

⁷ Ver anexo 2 – capítulo II

julho e iria terminar no dia 16 de setembro de 2002, e que as aulas seriam ministradas nas dependências da própria universidade.

No caso do primeiro grupo⁸, no qual eu participei, produzimos um folder⁹ onde estavam inseridos, o tema, os eixos temáticos e a justificativa, das três aulas do primeiro módulo. O tema era: Cultura, Crença, Mentalidade e Religiosidade; os eixos temáticos das aulas eram respectivamente: A mentalidade científica e a construção de uma pré-história (a invenção ocidental da humanidade); Cultura, religiosidade, crença (a invenção do mundo antigo pela ciência); e por fim, A organização da sociedade medieval e a idéia de salvação e felicidade.

Trabalhar com eixo temático não é uma coisa fácil, primeiro porque se constituiu em um método inédito para os alunos, pois não tivemos notícia de que alguém já tivesse trabalhado ou trabalhasse com esse tipo de abordagem para lecionar história, mas nesse primeiro ponto só irei me aprofundar mais no próximo capítulo. Quando ao segundo ponto, o problema reside no fato de que tivemos muita dificuldade em enfrentar a realidade da sala de aula.

Por que a sala de aula, no primeiro momento, nos causa tanto medo? É uma pergunta que me fiz, e achei pertinente deixar vir a tona neste momento porque chegou a conclusão que esse medo vem da falta ou preparo, ou seja, apesar de fazer um curso de licenciatura durante quatro anos e meio, ainda não me sinto preparada suficientemente para “lecionar ^{para} os adolescentes” pois a sala de aula é um ambiente amplo e múltiplo, e esse ambiente, não é explorado no decorrer do curso pelos nossos professor ^{es} como deveria ser. X

Então, como vinha falando anteriormente, ficamos muito nervosos na primeira aula de prática, que ocorreu no dia 16 de julho de 2002, e o período discutido foi a “pré-história”, eu, Mara Karinne Lopes, Alexandra Rodrigues da Silva, Juciene Batista Feliz e Raquel Koch conseguimos no geral atender a proposta do eixo temático, que o de mostrar como a mentalidade científica do século XIX construiu uma “pré-história” e inventou o que hoje conhecemos como Ocidente, a partir de seu olhar essa foi uma experiência única que tive dentro da academia, pois consegui ver nitidamente que podemos trabalhar a teoria da história aplicada aos fatos, e o que é melhor, fazer isso e ser compreendida pelos alunos. Outro ponto positivo da prática de ensino foi que as aulas foram ministradas em grupo,

* Ver anexo 3 – Capítulo II (transparências das três aulas do grupo 1)

possibilitando-nos, uma troca de informações no desenrolar da aula, que ficou mais dinâmica e mais interessante tanto para os alunos do curso quanto para os alunos da prática. Na aula seguinte da prática discutimos quais os pontos negativos e positivos do seminário e planejamos a segunda aula.

A segunda parte do módulo, aconteceu no dia 23 de julho, o eixo temático foi outro, e período tratado foi o antigo, porém o grupo desta vez teve grande dificuldade em seguir o eixo que era, o de discutir como a ciência constitui a Antiguidade. Eu por exemplo, tive dificuldade de encaixar os três períodos romanos, consagrados pela historiografia (monarquia, república e império) no eixo temático, devido a isso o nervosismo aumentou ainda, mas, felizmente conseguimos terminar a segunda etapa de nossa prática.

No planejamento da prática, depois dessa segunda aula, discutimos os problemas e elaboramos a última abordagem temática, nesta última aula o eixo girou em torno da discussão acerca da organização da sociedade medieval, como também da ideia de salvação e felicidade dessa época. Esse foi na minha opinião o melhor dos três seminários, talvez porque a idade média. Seja muito atraente no meu ponto de vista, consegui trabalhar com o eixo temático sem problemas, e até, estava um pouco mais à vontade para ministrar e discutir os conteúdos, o medo, do início, apesar de não totalmente vencido já se constituía em um entrave, como nos seminários anteriores.

Essa nova forma de fazer a prática de ensino, como também de abordar a história e ao mesmo tempo muito complexa e apaixonante, foi um desafio vencer o medo do novo, porém o novo apesar de causar medo, também nos causa uma grande vontade de desvendar os seus mistérios. Os mistérios que perpassam a forma inédita de trabalhar história envolvida por eixos, ainda tem muito a ser desvendada.

E alguém poderia perguntar, e como os alunos reagiram a essa nova forma de ensinar história? Creio que foi bem recebida pelos alunos essa nova forma de abordagem história, pois estes debateram com o grupo, perguntaram, questionaram e até discordaram de algumas de nossas falas, o que mostra e os alunos se sentem atraídos, alguns até participaram ativamente do processo de aprendizagem de nós alunos da prática, e ao final do curso, decidiram prestar vestibular para história.

⁹ Ver anexo 4 – Capítulo II

A disciplina de pratica no contexto atual do curso, e uma disciplina de grande importância, e ele que nos preparo para a complexa tarefa de ensinar, e ensinar, como já foi subentendido, não é uma tarefa fácil, é preciso preparação, é preciso que o aluno saia da universidade um professor, que sabe do seu papel na sociedade do seu papel enquanto professor de historia, ou seja, para que o aluno de graduação se forme enquanto um bom professor do ensino fundamental e médio, é preciso que ele seja bem preparado, para poder enfrentar tanto as adversidades do mercado de trabalho, que é altamente competitivo, como enfrentar a própria relação professor e aluno com suas delicias e deslizes, para tanto necessário que ele tenha um acompanhamento desde o quarto período do curso.

E como seria esse acompanhamento? Seria através da inserção de disciplinas voltados ao ensino de historia, assim, poderia se nossas disciplinas haver uma discussão sobre os de diversos aspectos da licenciatura, como por exemplo uma disciplina que abarcasse o estudo do livro didático de história. Caso a criação de novas disciplinas, não fosse viável para a grade curricular, ao menos as disciplinas que compões essa grade, poderiam discutir em um dos estágios como o livro didático, tratar o assunto dado no momento pela cadeira ou ainda se isso não fosse possível, cursos e palestras voltadas para formação do professor e para o estudo do livro didático do ensino médio e fundamental, seria uma alternativa muito interessante para preencher algumas lacunas.

CAPÍTULO III

O eixo temático é uma das mais novas formas de trabalhar a história, Essa experiência nova e fascinante poderá mudar de forma definitiva o modo de ensinar história daqui para frente pelo menos no estado da Paraíba. Geralmente, para se ensinar historia seguimos sistematicamente a divisão histórica tradicional, e trabalhando como essa história como se ela tivesse fronteiras rigidamente demarcadas, ou seja, como se os períodos históricos com seus marcos iniciais e finais estivessem desligados um do outro. A história assim vista, mais parece uma sucessão de períodos revolucionários independentes e sem características comuns entre si.

No último vestibular da Universidade Federal da Paraíba, na prova de historia, foram utilizados os recursos do eixo temático como alicerce na elaboração das perguntas e isso gerou uma grande polemica, que sacudiu a educação ao nível do ensino médio na Paraíba, principalmente por parte dos cursinhos pré-vestibulares que ganham muito dinheiro com as aulas (tipo bizuradas) voltadas para o tipo tradicional de vestibular. Agora, vai ser preciso haver uma reformulação profunda de tais instituições de ensino, uma vez que, o eixo temático exige bem mais do aluno do que o simples ato de decorar macetes.

Os professores da Universidade Federal da Paraíba criaram três temas para trabalhar a historia; O tema que corresponde ao assunto do primeiro ano do ensino médio, no qual vamos nos aprofundar na nossa monografia, foi “Religiosidade e Religião”; O tema do segundo ano foi “Poder e Política” e por fim o tema do terceiro ano do ensino médio foi “Cultura e Sociedade”

O tema do primeiro ano do ensino médio, religiosidade e religião, foram elaborados de uma forma muito interessante e de fácil entendimento para os vestibulandos Antes de começar as questões foi apresentado um pequeno texto do livro “As Formas Elementares da Vida Religiosa”, de Émile Durkheim, onde ele diz o seguinte:

“A crença pessoal e coletiva na existência de uma realidade ou de forças sobrenaturais é uma característica marcante em todas as sociedades humanas. Frequentemente, a religiosidade se manifesta através de narrativas mitológicas, explicações teológicas, rituais e normas de comportamento.”

A persistência de determinadas práticas religiosas pode se transformar em movimentos religiosos, organizados segundo uma hierarquia de papéis de seus componentes e uma doutrina que estabelece as regras dos cultos e da vida moral de seus participantes.

As religiões exercem uma forte influência sobre as diversas atividades da vida social, sejam ética, política, econômica, artística, etc., quase sempre gerando conflitos entre os ideais religiosos e os interesses seculares tanto de seus seguidores, quanto de seus adversários.

A religiosidade e as religiões formam, pois, um conjunto de sentimentos contraditórios que simbolizam o desejo pessoal de elevação espiritual, a adequação do homem a preceitos divinos, a superação da imperfeição da vida terrena e a vontade de conservar e fortalecer os laços da unidade social.

Desse modo, devemos entender que os mais bárbaros ritos ou os mais bizarros, os mais estranhos mitos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto, seja individual, seja social da vida.(...) Portanto, no fundo, não existem religiões falsas. À sua maneira, todas são verdadeiras, todas respondem, mesmo de diferentes formas, a condições dadas da existência humana.”

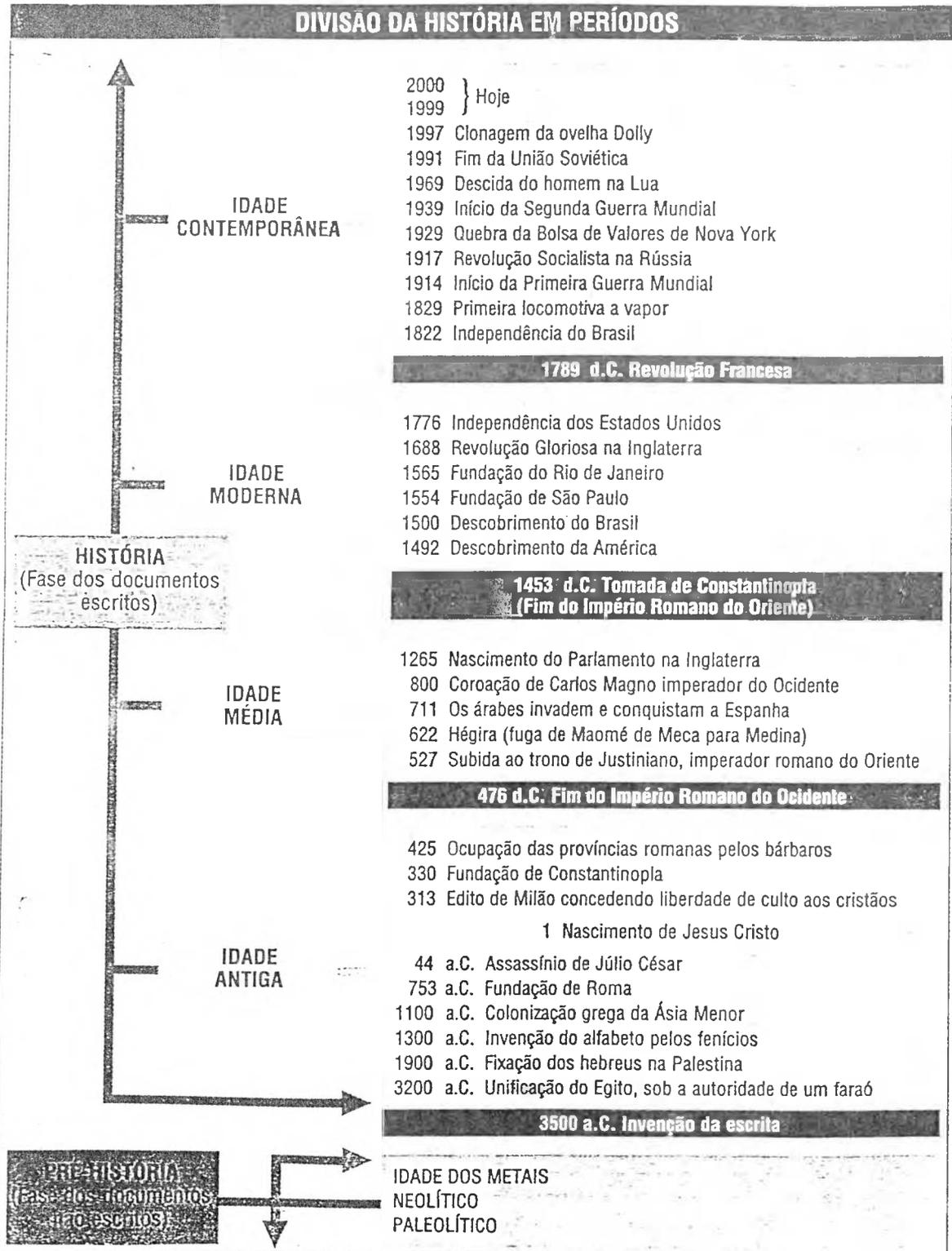
Após essa explanação Durkeimiana a respeito da religião e religiosidade e colocada na prova que as questões que viriam a seguir trabalhariam esse tema em vários períodos da história ¹⁰

As questões, como fora anunciado, seguiram coerentemente a proposta do tema, que envolveram tanto a religião, enquanto instituições quanto a religiosidade das pessoas no decorrer da chamada “pré-história”, da “idade antiga” e “da idade média” o que nos mostra que a abordagem temática feita pelo vestibular é criativa e interessante e além disso poderá proporcionar a oportunidade, para que os professores de história, acostumados a recorrer ao livro didático sistematicamente e sem problematizá-lo, possam trabalhar no seu dia-a-dia com uma gama de outros temas, alargando assim seu campo de atuação. Para mostrar que isso é possível, neste capítulo iremos explorar três períodos históricos: A “pré-história”, a “idade antiga” e a “medieval” através de um eixo temático, que se diferenciam em parte do tema abordado no vestibular 2002e também do eixo criado na disciplina de prática.

O tema cultura, crenças, mentalidade e religiosidade, criado por nós e discutido na disciplina de prática, pode ser trabalhado através de uma infinidade de eixos, que por sua vez podem ser criados e recriados de acordo com o que queremos mostrar. Em termos

¹⁰ Ver anexo 7 – capítulo III

práticos, podemos dizer que o tema acima citado pode ser utilizado ao longo de toda a história da humanidade.



Como pode ser observado no quadro acima, a história é dividida em “pré-história”, “história antiga”, “idade média”, “idade moderna” e por fim idade “contemporânea”. Neste capítulo iremos discutir melhor acerca dos primeiros três períodos históricos nomeados pela ciência. E o eixo que vamos utilizar para discutir tais períodos, e o seguinte: A mentalidade científica e a construção da história da humanidade. Para podemos discutir a história através dessa perspectiva temática, teremos que entender como funciona, em primeiro lugar, a lógica da ciência com relação a própria história, e no que tange a esse aspecto, podemos dizer, ela, a ciência dividiu a história em períodos, com o objetivo de melhor estudá-la, porém essa divisão não é feita a partir do nada, nela é impressa uma série de interesses e intenções

Voltando a falar sobre os períodos; como vamos poder trabalhar o eixo temático; “a mentalidade científica e a construção da História “ com relação a chamada “Pré História”? Para poder responder a essa pergunta, vamos fazer um breve esboço de como a ciência e a religião concebem o surgimento da terra e do homem.

A história começa com uma questão não resolvida sobre a origem do mundo, há respostas para essas perguntas, porém nenhuma delas definitiva, qualquer delas pode estar errada ou incompleta. aqui vamos tratar de dois tipos de explicações: A explicação teológica e a científica.

Teologicamente, segundo a crença dos cristãos: “No principio Deus criou o céu e a terra. E a terra era sem forma e havia trevas sobre a face do abismo. E Deus disse: haja luz e a luz se fez. E viu Deus que era boa a luz e separou luz e as trevas. A luz Deus chamou de dia e as trevas Deus chamou de noite. E disse Deus: ajuntem-se as águas debaixo do céu em um lugar e apareça a porção seca. E chamou a porção seca de terra e ao ajuntamento da águas chamou de mares. E Deus disse: produza a terra erva verde, e assim foi. E disse Deus: haja luminares na expansão do céu – O lumiar maior para governar o dia e o lumiar menor para governar a noite, e fez as estrelas. E Deus disse: haja animais nos céus, nos mares e na terra e os abençoou dizendo frutificai e multiplicai-vos. E disse Deus; haja o homem a minha imagem e semelhança e criou Deus o homem. No sétimo dia, Deus descansou. E disse o senhor: não é bom que o homem esteja só e fez cair um sono pesado sobre Adão tirou uma de suas costelas e fez a Mulher á qual Deus o nome Eva.

Teologicamente como podemos perceber o surgimento do homem e do planeta se deu devido a uma força divina. Deus criou o mundo em sete dias. Em contraposição à explicação divina a respeito do surgimento da terra, a ciência diz que a terra e o homem surgiram e são o que são hoje devido a uma série de mutação e evoluções sucessivas.

Porém, “a disputa entre ciência e religião pela posse da verdade é antiga. No Ocidente começou no século XVI, quando Galileu defendeu a tese de que a terra não era o centro do universo. Essa primeira batalha foi vencida pela igreja, que obrigou Galileu a negar suas idéias para não ser queimado vivo. Mas o futuro dessa disputa iria chegar até o século XIX, quando Darwin lançou sua teoria sobre a evolução das espécies, contra a idéia da criação divina. O evolucionismo, a teoria da evolução das espécies por ação da seleção natural, diz que uma espécie vai evoluindo na medida em que ela vai se adaptando ao meio em que ela vive. Os que não conseguem se adaptar ao meio morrem. Esse processo (seleção natural) ocorrendo durante gerações sucessivas, provocaria mudanças nas populações, promovendo a alteração gradativa das espécies.

Outra teoria da ciência vai de encontro a explicação divina para o surgimento da terra. De acordo com seus estudos, a terra teve origem há cerca de 4 a 5 bilhões de anos. Teria havido uma grande explosão cósmica, da qual se originou uma bola incandescente de vapores e gases. Com o resfriamento progressivo dessa bola, formaram-se a atmosfera e crosta terrestre.

A terra chegou a seu aspecto atual através de numerosas transformações que duraram bilhões de anos. Choveu torrencialmente durante cerca de 60.000 anos sob ação da água, a temperatura terrestre desceu gradualmente até os 20°C a 30°C que hoje conserva. No início as primeiras formas de vida eram seres unicelulares e algas marinhas. Depois vieram as primeiras plantas com raízes.

A ciência costuma dividir a evolução da terra em grandes períodos chamada Eras. Contadas em milhões de anos. As Eras são divididas em períodos. A pré-história assim abordada tem três períodos: a idade da pedra lascada (Paleolítico), idade da pedra polida ou Neolítico e idade dos metais. Essa divisão foi feita de acordo com o material utilizado na fabricação de instrumentos.

Paleolítico (cerca de 1 milhão de anos a.c) O paleolítico é chamado de idade da pedra lascada porque os habitantes desse período utilizavam utensílios de pedra, nos quais

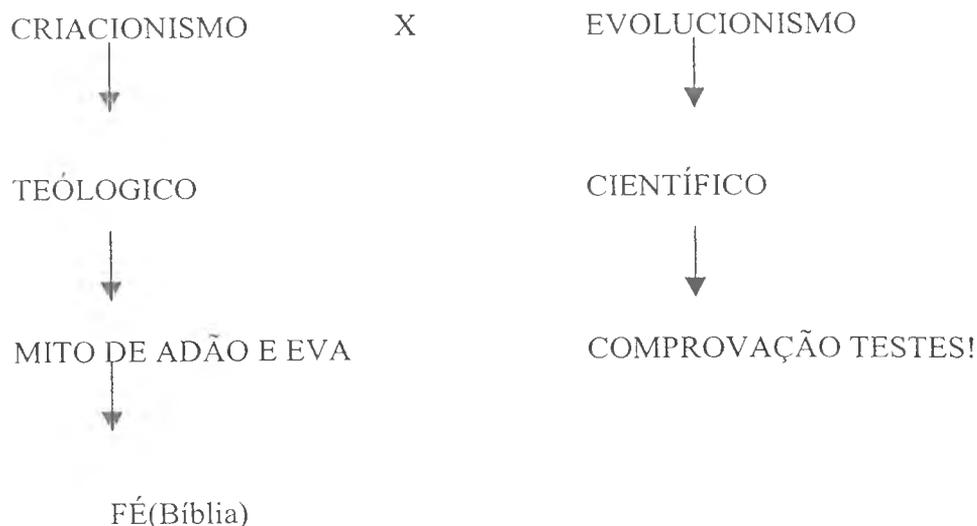
eram tiradas lascas que tinham bordas cortantes. No paleolítico, os agrupamentos humanos eram nômades, ou seja, se deslocavam de um lugar para o outro em busca de comida. Alimentavam-se basicamente de pequenos animais, frutos e peixes. Os homens vivam da caça e da coleta e alguns agrupamentos dominavam o fogo.

Neolítico (10.000 anos a.c) No neolítico ou idade da pedra polida. Nossos antepassados aprimoravam os instrumentos de pedra, polindo-os e tornando-os cada vez mais cortante. Nesse período o ser humano já apresentava outra forma de se relacionar com o meio ambiente, eles não viviam sós da caça, da pesca e da coleta, passaram a semear a terra e aguardar a época da colheita, foram se sedentarizando.

Na Idade dos Metais (4.000 a 3.500 a.c) Os instrumentos foram se aperfeiçoado aos poucos e o homem adquiriu seus primeiros conhecimentos sobre a técnica de fundir, ou derreter, os metais. O primeiro metal utilizado foi o cobre e mais tarde o bronze. Esses metais eram utilizados na fabricação de lanças, espadas, e objetos domésticos.

A ciência, principalmente a forma científica gestada no século XIX que “justamente” nomeia os períodos históricos, usam o método de comprovação a base de: observações feitas durante anos, a base de testes, á base de achados de fósseis, a base à biologia molecular e da bioquímica. para comprovar e fundamentar suas divisões e nomeações, isso faz com que teorias opostas a essa ciência, Que inegavelmente contribuiu muito para a construção da história, pareçam apenas proposições vagas a respeito dos fatos históricos.

Mas poderiam perguntar, se o eixo temático é a construção da história pela ciência; Porque é feito o contraponto entre a ciência e a religião? Essa pergunta tem duas respostas: Em primeiro lugar, a ciência aqui não é vista como uma verdade, intransponível, as outras versões sobre o período que foi nomeado “pré-história” fora da esfera científica. Em segundo lugar, o eixo ele pode ser alargado, porque ele tem uma certa flexibilidade, o que é uma característica que qualifica a abordagem temática, como sendo positiva.



Qualquer uma das teoria esboçadas no quadro acima , como também suas fontes pode está errada ou incompleta, Mas já que estamos abordando a pré-história a partir da ciência do século XIX. A partir dessa ciência podemos questionar.Será que o homem evolui de forma uniforme como sugere a ciência ? Será que todas as espécies do passado sofreram evoluções?Será mesmo que a história e linear como cogitarão os cientistas do século XIX? Essas questões, que podem vir a tona no memento da explanação do eixo temático.outro ponto importante é fazer um questionamento a respeito da próprio termo “ pré-História que significa antes da história. Será que realmente as esperiencias dos homens de milhões de anos atrás pode ser despresada? Será que eles , só pelo fato de não terem uma escrita sistematizada podem se considerados homens sem história ? Acho que não, por isso prefiro dizer que tais homens, fazem parte da história antes da escrita

Ainda dentro do mesmo tema: A mentalidade científica e a construção da história da humanidade; vamos ver o período conhecido como historia antiga.

A ciência dividiu a história em etapas e assim como a história desde os seus primórdios foi dividida e classificada com Grécia e Roma, se deu da mesma forma, vamos agora pensar como essa mentalidade científica nomeia a experiência humana de Grécia e Roma enfatizando a idéia de uma evolução tripartida da história e apresentando para tanto, os eventos consagrados pela historiografia:

Como foi dito anteriormente a história da Grécia, foi dividida em três períodos: O Micênico (Pré-Homérico e Homérico); Arcaico e Clássico.

No período Pré-Homérico (2000 a.c) segundo a historiografia, foi invadida por tribos de pastores nômades. Primeiro vieram os aqueus, depois vieram jônios, eólios e dórios, esses povos se integraram ao povo grego. A civilização Creto-Micênica, cujos principais centros eram a ilha de Creta e a cidade de Micenas, foram invadidas, destruídas e saqueadas por tribos de pastores nômades aqueus, jônios, eólios e dórios. Povos que acabaram assumindo parte dos costumes Creta-Micênica. Ao fim das invasões, a vida urbana quase desaparece, a população voltou a se organizar em pequenas comunidades cuja célula básica era a família. esse foi, em uma escala evolutiva, o Período de gestação da Grécia antiga

O período Homérico, recebe esse nome porque os poucos conhecimentos que temos sobre ele foram transmitidos por dois poemas Ilíada e a Odisséia, atribuídos ao poeta grego Homero. A Ilíada narra a guerra de Tróia. A Odisséia descreve as aventuras de Ulisses. Por volta de 1200 a.C. a vida na Grécia tinha por base a grande família ou clã ou gens. Todos antecedentes de um mesmo antepassado viviam em um lar comandada pelo chefe o pater famílias. Não havia propriedade privada todos trabalhavam para produzir o necessário a comunidade.

No fim do período Homérico o sistema gentilício se deteriorou, pois o crescimento da população não foi acompanhado pelo crescimento da produção agrícola, com as divisões dos gens, o chefe passou a beneficiar os parentes mais próximos.

Assim o crescimento demográfico e a falta de terras férteis provocaram uma crise cuja consequência foi a desintegração das comunidades baseadas no parentesco. As terras foram desigualmente divididas dando origem a uma aristocracia rural. Os aristocratas não tinham a força dos gens. Para se defenderem, apoiou-se nos fratrias, (reunião de gens) várias fratrias formavam tribos, várias tribos formaram cidades-estados.

E por fim o período Arcaico, Esse período caracterizou-se pelo desenvolvimento das cidades-estados. A dificuldade em estabelecer contatos interesses naturais contribuiu para que as cidades gregas fossem construídas por cidades independentes por cada uma tinha uma organização social própria: Governo, costumes, suas próprias leis foram se quase duzentos cidades, as duas principais foram Atenas e Esparta. Esparta Formado por uma aristocracia de guerreiros eram especialistas na arte da guerra; quanto a Atenas, a

democracia tornou-se um exemplo, a cidade se tornou o centro cultural e político. Durante o período Arcaico deu-se o nascimento da filosofia (amor a sabedoria) um das maiores legados da Grécia.

Foi no período Clássico onde houve a hegemonia das cidades-estados. A primeira potência dominante foi Atenas, seguida por Esparta e Tebas. As guerras médicas (luta dos gregos contra bárbaros) mantiveram a hegemonia de Atenas até a guerra do Peloponeso, que deu a Esparta a hegemonia.

Esparta adota a política imperialista mas não impede que Atenas se organizasse. Os embates entre as duas cidades as enfraqueceram dando a Tebas a hegemonia.

Da mesma forma, a ciência dividiu a história de Roma em três períodos: Monarquia, república e império.

Durante a Monarquia, Roma foi dominada por outros povos que viviam na região, como os Etruscos, que durante cerca de cem anos governaram a cidade, impondo-lhes seus reis. Sob os reis Etruscos, Roma adquiriu o aspecto da cidade. Foram realizadas muitas obras públicas importantes: drenagem de pântanos, construções de sistema de esgotos, templos etc. A sociedade Romana desse período estava dividida em: Patrícios ou Nobres: Descendente das primeiras famílias que habitaram Roma. Eram grandes proprietários de terras e de gado. Clientes – Eram pessoas de origem não-patricio que se associavam livremente aos nobres, deles recebendo auxílio e proteção. Plebeus – Formavam a maioria da população e eram geralmente pequenos agricultores, comerciantes, pastores e artesãos. Escravos – não eram considerados cidadãos de Roma e não tinham decus.

Em 509 a.C., os romanos derrubaram o rei Etrusco Tarquinio, e fundaram a república. No lugar do rei, elegeram dois magistrados, para governar. Terminou assim o período monárquico.

No período Republicano (República coisa do povo) Com a passagem da monarquia para a república, ocorreu a transferência do poder dos etruscos para os patrícios (classe dominante) romanos. que controlavam as instituições políticas, por isso a república romana era aristocrata. Os patrícios concentravam em suas mãos o poder religioso, político e

judiciário. Os plebeus só tinham deveres: impostos, servir exercito e eram julgados em caso de crime por um tribunal compostos por patrícios.

Quando Roma se tornou republica o poder do rei foi partilhado entre dois cônsules, que exerciam o poder por um ano. Um conselho de trezentos cidadãos de origem patrícios deu origem ao senado, e também promulgavam as leis da cidade. A crente marginalização política, social e econômica da plebe desencadeou uma luta entre patrícios e plebeus que se estendeu por cerca de dois séculos. Devido a essa luta os plebeus conseguiram certa igualdade de direitos como o de eleger seus próprios representante, denominados tribunos da plebe, que tinham o poder de suspender a aplicação das decisões do senado: e conseguiram a lu das doze tabulas nas londe conseguiram a igualdade civil com a autorização do casanate entre patrícios e plebeus, a igualdade religiosa, com a conquista do direito de exercer cargos sacerdotas.

Costuma-se dividir esses período Imperial em alto e baixo império. Durante o alto império, Roma atingiu o apogeu, a pay (paz) romana se estende do ocidente ao oriente. Cristianismo surgiu nesse período o baixo império representou o declínio do império romano. A decadência começou no século III e caiu no século V.

Como podemos perceber, a ciência dividiu a historia a partir de toda uma serie de estudos e tomando por base os estudos ela nomeia as experiências humanas de Grécia e Roma e ao nomear, ao construir a historia partindo-a, quebrando-a ela corre o risco da generalização, ou seja, o homem do período Homérico tais como seus modos e suas culturas são diferentes do homem do período Arcaico que por sua vez são diferentes do período Clássico e assim por diante. Tal postura de nomear essas experiências como se fossem umas gradações evolutivas e arriscadas porque de deixar uma serie de experiência de lado; Correndo risco, assim, de não perceber ou de não fazer perceber as continuidades.

Com relação ao Medievo, a ciência, não poupou classificações e nomeações. Colocando esse período como um período de treva, da noite dos mil anos, o período onde não ouve produção cultural, o período das superstição, de irracionalidade e etc. É nesse período onde vamos poder observar mais claramente a força da mentalidade científica na construção da história da humanidade. O homem do século XIX, século em que as ciências começaram a se desenvolver, classifica os períodos para demarcar o seu lugar da produção

histórico e cultural do período “moderno”, e é neste ponto onde reafirmo que a divisão da história não é uma coisa dada ela foi criada para marcar o lugar da produção de uma época e de um espaço, espaço esse que corresponde a Europa.

E foi a partir de sua visão europocêntrica, que a ciência nomeou esse período, como o período do atraso deixando de lado as experiências orientais. O império bizantino é um exemplo de que o medieval teve uma intensa produção cultural.

No século IV diante da gravidade da crise do império romano do ocidente, o imperador Constantino decidiu criar uma capital para o oriente Bizâncio. O império bizantino ou império romano do oriente, conservou vive a cultura e as tradições romanas durante muito tempo depois da queda de Roma. O novo império oriental tornou-se o principal poder no mediterrâneo e foi a cultura mais brilhante da idade média. Em Constantinopla era fabricado artigos de luxo que eram exportados para toda Europa, o valor da moeda bizantina era tão estável que se tornou moeda usada em todo comércio mundial.

Como podemos observar, o Império bizantino, desempenhou um papel muito importante no sentido de defender os tesouros da civilização antiga, tais como, bibliotecas onde foram guardadas obras de historiadores, poetas e oradores da antiguidade.

O eixo: A mentalidade científica e a construção da história da humanidade, perpassou os três períodos históricos “Pré-História”, “História Antiga” e “História Medieval” mostrando que é possível trabalhar a história questionando seus conceitos teóricos e mostrando que a história não é desconexa, ela apenas tem em seus fatos rupturas e continuidades.

CONCLUSÃO

O que se pôde observar no decorrer dos capítulos da monografia, é que a disciplina de história é fascinante, atraente e envolvente, quando é passada de forma dinâmica, por um professor bem preparado e seguro do seu papel, e ser um professor preparado significa ser um professor, que não apenas reproduza as narrativas dos livros didáticos para o aluno, mas também, que ele tenha um posicionamento coerente, discordando ou não da leitura ou das leituras apresentadas nos textos. O professor tem que ter uma certa capacidade de questionar os dados históricos tem que ter a capacidade de discutir como surgiram os conceitos, pois eles não são dados pela natureza, e principalmente tem que tentar discutir acerca das várias possibilidades de leitura dos eventos, utilizando, por exemplo, as teorias ou as escolas históricas; é aí, onde prática e teoria seriam vistas como complementos que fazem parte de um mesmo eixo norteador das idéias tanto do professor quanto do aluno.

Por isso acredito hoje que com uma elaboração prévia, cuidadosa é possível aproximar, essas duas esferas quase opostas da vida humana (teoria e prática), o eixo temático é uma prova disso uma vez que, através dele podemos apresenta as varias teorias se fazendo entender aos alunos na prática.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que me proporciona todos os dias força e saúde para que eu possa trabalhar, agradeço as minhas mães Maria de Lourdes Lopes e Maria de Lourdes Lopes(in memória), agradeço a meus pais Francisco Lopes da Silva e Emanuel Veriato de Sousa que infelizmente já não estão mais entre nós, agradeço a meus colegas de curso: Zizo, Juciene, Alexandra, Graça, Romualda, Terezinha, Genilda, José Pequeno, Carlos, Kyara, Raquel,Joel, George, Tôni, Cícera, Nataly, Alana, Clênio, Silvia e principalmente a Francisco Samuel Sales Cruz e Luciana Rodrigues Chico, que foram meus amigos de todas as horas, aqui quero mais do que agradece-los, quero homenageá-los .

Agradeço a todos os meus professores, principalmente a Alarcon meu querido orientador, a Celso, a Auricélia, a Nilda, a Cabral e a Benjamin pelas contribuições “intelectuais” dadas no meu processo de aprendizagem.

E finalmente agradeço a Helder Morais Mendes Barros, que foi mais do que meu namorado, foi meu companheiro, meu amigo, e meu amor que no decorrer de minha vida acadêmica me acompanhou de perto e dividiu comigo alegrias e tristezas, mostrando-se assim, um companheiro para todas as horas. Para que eu pudesse te agradecer com justiça precisaria passar três anos, seis meses e quinze dias escrevendo; ao invés disso, prefiro dizer que te amo muito...muito...muito e que se não fosse você eu não teria terminado a monografia e conseqüentemente não teria terminado o curso, O B R I G A DA!!!!

BIBLIOGRAFIA

- MORAIS, José Geraldo. De caminhos da civilização, história integrada e Brasil. São Paulo : Ed. Atual, 1998;
- NADAI, Elza e Neves, Joana. História Geral Antiga Medieval;
- Curso Abril Vestibulares
- PILETTI, Nelson. 1945, História e vida integrada. São Paulo : Ed. Ática, 2002;
- Revista Galileu Galilei – Dezembro de 2001;
- Revista Super Interessante – Julho de 2002.

A N E X O – Capítulo I



República Federativa do Brasil
Ministério da Educação
Universidade Federal da Paraíba
Pró-Reitoria de Graduação
Coordenação de Estágio e Monitoria



Certificado

Certificamos que *Mara Karinne Lopes Veriato*, aluna do Curso de *História/CH*, foi monitora concursada da disciplina *História Medieval Oriental*, do Departamento de *História e Geografia/CH*, no período de *01 de Junho de 1999 a 28 de Fevereiro de 2000* (ano letivo de 1999), com carga horária semanal de doze horas.

João Pessoa, 15 de março de 2001.

Mara Karinne Lopes Veriato

Aluno



Elene Glauce Lima de Araújo
Coordenador

Luiz Antônio
Pró-Reitor



CH

Centro de Humanidades
Universidade Federal da Paraíba - Campus II

II Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão
07 a 11 de dezembro de 1998

CERTIFICADO

Certificamos que **MARA KARINNE LOPES VERIATO** participou do mini-curso intitulado "**A ORDEM DAS DISCIPLINAS**" durante a II Semana de Ensino Pesquisa e Extensão do Centro de Humanidades, no período de **09 A 11 DE DEZEMBRO DE 1998**.

Campina Grande, 11 de dezembro de 1998.

Durval Muziz de Albuquerque Junior
Durval Muziz de Albuquerque Junior
Vice-Diretor do CH

Maria Cristina de Melo Marin
Maria Cristina de Melo Marin
Diretora do CH



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

CERTIFICADO

Certifico, para os devidos fins, que Mara Karine Lopes Veriato participou como ouvinte no "Curso de Teoria e Metodologia: Um olhar sobre o ensino de História", dividido em cinco módulos, no período compreendido entre 30 de novembro a 11 de abril de 2001, com carga horária de 17 horas, realizado no auditório do Departamento de Artes.

Ministrantes do curso:

Ádamo Guedes S. de Moraes

Ezilda Cláudia de Melo

Valéria Batista Viana

Eronides Câmara Donato

Prof^a. Eronides Câmara Donato
Coordenadora do Projeto

Coordenadora do Curso de História

Prof^o Severino Cabral Filho
Chefe do
Departamento/DHG

ESTADO DA PARAIBA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
ESCOLA ESTADUAL DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO IRMÃ JOAQUINA SAMPAIO
BR 230 - Km 08 - SERROTÃO

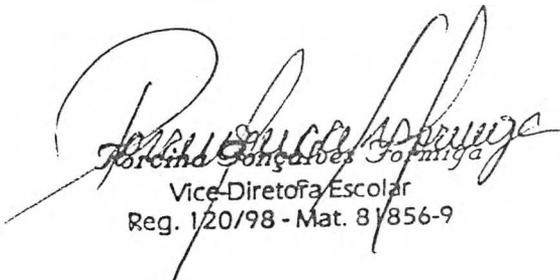
CAMPINA GRANDE



DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que MARA KARINNE LOPES VERIATO matrícula nº 694.767-1 é professora de História deste estabelecimento de ensino, no turno manhã, e está em pleno exercício profissional.

Campina Grande, 09 de setembro de 2002


Jorcina Gonçalves Jofaniga
Vice-Diretora Escolar
Reg. 120/98 - Mat. 8/856-9

A N E X O – Capitulo II

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA : Metodologia do ensino de História no 1º e 2º graus
Professora : Eronides Câmara Donato
Período: 2002. 1

Alunos desse período: Antonio Carlos, Clênio, Francisco Samuel, Genilda, Juciene, José Pequeno, Kiara, Mara Karine, Maria Cícera, Maria das Graças Elias, Maria Isabel, Nataly, Raquel e Telma

Ementa: A relação sujeito – objeto no processo de aprendizagem em História. Análise Crítica da Metodologia de História aplicada ao ensino de 1º e 2º graus.

Este plano de curso foi elaborado pela turma da disciplina Metodologia do Ensino de História no período 2002, com a professora Eronides Câmara Donato. As questões que seguem abaixo foram bastante discutidas e pressupõe que o aluno possa na primeira unidade elaborar um plano de aula para ministrar na Prática de Ensino;

1. Sugestões de temas para ser discutidos durante a disciplina:

- a) Leitura (Telma e Genilda)
- b) Fracasso Escolar (Graça e Cícera)
- c) Disciplina (Clênio e Antonio)
- d) Metodologias (Raquel)
- e) O lugar do professor na sala de aula (Samuel)
- f) A diferença na sala de aula (Isabel, José Pequeno)

2. Objetivos definidos pela turma:

- a) Discutir as intencionalidades das narrativas históricas a partir da pluralidade cultural;
- b) Discutir o lugar do professor de História na sala, problematizando a temática da evasão escolar;
- c) Discutir a operacionalização do conceito de disciplina como uma forma silenciosa de educar;
- d) Descobrir os caminhos metodológicos que contribuem para resignificar o saber histórico, deixando-o mais prazeroso, a partir da pluralidade cultural;
- e) Pensar as possibilidades de atuação do professor e da professora em sala de aula a partir do estudo de suas identidades;
- f) Discutir o conceito de diferença problematizando as questões que estão relacionadas a formação do educando, como por exemplo, a idade, a cultura e o nível socio-econômico.

3. Temática da Disciplina definida pela turma

“ FORMAÇÃO DO PROFESSOR E DA PROFESSORA ”

8. Textos indicados de acordos com as temáticas

a) As intenções da história, nos discursos , nas leituras

Literatura, experiência e formação. Entrevista de Jorge Larroza para Alfredo Veiga – Neto em Julho de 1995. In Caminhos Investigativos. Novos Olhares na pesquisa em educação. Org. Mariza Vorraber Costa; Colaborador : Alfredo Veiga Neto et al. – Porto Alegre: Mediação 1996 p. 133 a 161- 1º texto

Nossos saberes, sua unidade/identidade na multiplicidade que os informa. Bernadte^a Gatti. Prefácio do Livro “O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber”. Maria Lúcia Martinelli. Maria Lúcia Rodrigues Na e Salma Tannus Muchail (orgs) petrópolis, Rj. Vozes, 1999 p. 13 a 20 - 2º texto.

A conquista do outro. Da destruição das Índias ao descobrimento do Gênero Humano. Fernando Ávares – Uria. In Imagens do Outro – Jorge Larroza e Nuria Pérez (orgs). Petrópis, R.J. Vozes, 1998. P. 97 a 113. 3º texto

A experiência da leitura. Jorge Larroza. In Pedagogia Profana. Danças, piruetas e mascarados. Trad. Alfredo Veiga – Neto – Revisor . Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre, Contrabando. 1998. P: 120 a 144 – 4º texto.

b) A disciplina como forma silenciosa de educar

Disciplina. (cap. I) Os recursos para um bom adestramento. (cap. II) Michel Foucault In Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões – Terceira Parte do livro. trad. De Ligia M. Pondé Vassallo. Petrópolis. Vozes, 1987. P.125 a 172. 5º texto.

Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. Antonio Viñao Frago. In Currículo, espaço e subjetividade. A arquitetura como programa. Trad. Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro. DP&A, Editora, 1998. P. 60 a 151 – 6º texto

c) A problemática da evasão escolar

Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? Alfredo Veiga – Neto. In Linguagem, espaços e tempos no ensinar e aprender – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – Rio de Janeiro: DP&A, 2001, 2ª ed. p. 9 a 20 – 7º texto.

Adeus à infância (E à escola que educava). Mariano Marodowshi. In A escola cidadã no Contexto da Globalização. Luiz Heron da Silva (org). Petrópolis. Editora Vozes, 2000. P. 172 a 177 - 8º texto

d) Os vários lugares metodológicos do ensino de História

“Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro” Peter Burque In escrita da História: São Paulo: Editora da Unesp. 1993. P. 7 a 37 – 9º texto.

Foucault, Michel. A ordem do discurso. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

Freitas, Marcos Cezar. Historiografia Brasileira em perspectiva (org) 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998

Freitag, Bárbara. O livro didático em questão. 3ª ed. São Paulo: Cortez 1997

Laírosa, Jorge. Pedagogia Profana. Danças, piroetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga Neto. Revisão Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre ContraBando, 1998

_____. E Carlos Skiliar (org) Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Revisão. Alfredo Veiga- Neto e Carlos Skiliar. Habitantes de Babel. Políticas e Poéticas da diferença. Belo Horizonte, Autêntica 2001.

Mattos, Ilmar Rohloff de. (Org) Histórias do ensino de história no Brasil. Rio de Janeiro, Acess, 1988.

Silva, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade. Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Coletâneas:

1. Linguagens, espaços e tempos no ensinar e no aprender. Encontro Nacional de didática e Prática de Ensino. Rio de Janeiro DP&A, 2001. 2ª ed.

2. Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender (Org) Vera Maria Candau – Rio de Janeiro DP&A, 2001. 2ª ed.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAÍ
DISCIPLINA / TÓPICO ESPECIAL: COMPLEMENTAÇÃO DA PRÁTICA DE ENSINO
PROFESSORA / ERONIDES CÂMARA DONATO
Período- 2002.1

1. Apresentação do Tópico:

Este tópico tem por objetivo analisar as contribuições da literatura que trabalha com as seguintes temáticas : **as linguagens, as subjetividades e a cultura**. Nossa preocupação é problematizar estas temáticas acerca da formação do professor e da professora, discutindo-as suas tramas, seu poder e suas ordens. Esta preocupação está associada à cultura que a modernidade vem construindo sobre alguns grupos classificando-os e nomeando-os como anormais. Estes vem se multiplicando, como os sindrônicos, os deficientes, os monstros, os psicopatas, como surdos, como cegos, como rebeldes, como poucos inteligentes, como alunos especiais, como estranhos, como GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Estas práticas de nomeação implica em numerosas relações de poder. Segundo Alfredo Veiga – Neto “**As marcas da anormalidade vêm sendo procuradas, ao longo da modernidade, em cada corpo para que depois, a cada grupo se atribua um lugar nas intrincadas grades de classificações, das patologias, das deficiências, das qualidades, das virtudes e dos vícios**”.

Discutir estas questões para formação do professor e da professora, é na minha opinião, é pensar como nós historiadores e cientistas sociais de uma forma geral nomeamos e classificamos as pessoas e os lugares. Estas prática cultural tem significados para construção de uma política de identidades, identidades estas que são construídas de forma arbitrária, muitas vezes negativa e preconceituosa.

- 2. Atividades da disciplina:** Aula expositivas, discussão dos textos; reflexão das nossas práticas culturais enquanto professores e professoras.

Apresentação da idéia da disciplina (dias 10 e 13 de Junho de 2002)

3. Temáticas abordadas:

a) O poder de exclusão da linguagem:

Aula introdutória sobre o poder da linguagem a partir das reflexões sobre a idéia de representação do real.

1. Discussão do Livro de Foucault “**A ORDEM DO DISCURSO**”

2. Discussão do texto de Jean – François Lyotard “**O MÉTODO : OS JOGOS DA LINGUAGEM**”

3. Discussão do texto “**PRAGMÁTICA DO SABER NARRATIVO**” Jean –François Lyotard

4. Discussão do texto “ **O que faz gaguejar a linguagem da escola**” Sandra Mara Corazza

5. Discussão do texto “**Michel Foucault e a Educação : há algo de novo sob o sol?**” Alfredo Veiga – Neto

Avaliação : Na primeira Unidade os alunos e as alunas deverão entregar o **Memorial** de suas Atividades Acadêmicas e Profissionais, a partir da data em que entrou na Universidade. Como referencial para produzir o seu memorial os alunos encontrarão na copiadora duas possibilidades de Modelo. Esta atividade deverá servir como parte da carga horária solicitada pelo Tópico “**Complementação da Prática**”. As leituras de referência podem ser as que estão indicadas no plano ou outras que o aluno ou aluna preferir.

b) As linguagens, a produção e circulação das subjetividades

1. Discussão do texto “ **Sujetividade, contemporaneidade e Educação**” Joel Birman (

2. Discussão do texto “ **Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura**” Marisa Vorraber Costa

Avaliação: Na segunda Unidade os alunos e alunas escolherão uma temática (de qualquer unidade) e escreverão um artigo ou um capítulo da monografia da prática de ensino. O artigo será encaminhado a Coordenação do curso para que o mesmo possa ser publicado na Revista Virtual do curso.

c) As práticas culturais e os procedimentos de exclusão

1. Discussão do texto “ **O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação**” Silvia Duschatzky e Carlos Skliar

2. Discussão do texto “**Incluir para Excluir**” Alfredo Veiga –Neto

3. Discussão da aula de Foucault proferida em 22 de Janeiro de 1975 no College de France- tema da aula : **Análise da anomalia no século XIX**

4. Discussão da aula de Foucault proferida em 5 de março de 1975 no College de France- Tema da aula : O problema da masturbação, entre o discurso cristão da carne e o discurso científico da psicopatologia sexual.

Avaliação: Na terceira Unidade os alunos e alunas deverão refletir seu diário de campo em um texto. As bibliografias sugeridas poderão contribuir para este amadurecimento intelectual.

Metodologia: O tópico deve ser discutido a partir das temáticas, quais sejam, as linguagens, as subjetividades e a cultura, localizando sempre o eixo principal: **a formação do professor ; as tramas da linguagem, o poder e a ordem das subjetividades e da cultura.**

Bibliografia:

Foucault, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de Dezembro de 1976. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo. Edições Loyola. 1996 (texto nº 1)

_____. Os anormais. Curso no Collège de France (1974- 1975) trad. Eduardo Brandão. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. – Coleção Tópicos. (p. 69 a 100) (Texto nº 10)

_____. P. 293 a 334. Da bibliografia citada acima.(texto nº 11)

Lytard, Jean Francois. **O pós-moderno**. Trad. Ricardo Correia Barbosa. 3ª ed (2ª reimpr) - Rio de Janeiro : José Olympio, 1996 p. 15 a 19 / (texto nº 2)

_____. P. 35 a 43. (texto nº 3)

Corzza, Sandra Mara. **O que faz gaguejar a linguagem da Escola**. In linguagem, espaços e tempos no ensinar e aprender. Encontro Nacional de Prática de Ensino. – Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 2ª ed. (p. 89 a 103) (texto nº 4)

Veiga- Neto, Alfredo J. **Michel Foucault e a educação: há algo de novo sob o sol?** In Crítica pós-estruturalista e educação. Veiga Neto, Alfredo. (org) et al. Porto Alegre: Salina, 1995. (p.9 a 56) (Texto 5)

_____. **Incluir para excluir**. In habitantes de babel. Políticas e Poéticas da diferença. Jorge Larroza e Carlos Skliar (orgs) Trad. de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autentica, 2001 (texto 9) (p. 105 a 118)

Birman, Joel. **Subjetividade, Contemporaneidade e educação**. In Cultura, Linguagem no ensinar e aprender. Vera Mª Candau (org) Rio de Janeiro. DP&A, 2001. 2ª ed. (P. 11 a 28) (Texto nº 6)

Costa, Mariza Vorraber. **Sujeitos e Subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura**. In Cultura, Linguagem no ensinar e aprender. Vera Mª Candau (org) Rio de Janeiro. DP&A, 2001. 2ª ed. (p. 29 a 46) (Texto nº 7)

Duschatzky e Carlos Skliar. **O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação**. In habitantes de babel. Políticas e Poéticas da diferença. Jorge Larroza e Carlos Skliar (orgs) Trad. de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autentica, 2001 (texto nº 8)

Bibliografia complementar:

Bennington, Geoffrey. **Jacques Derrida**. Trad. Anomana Skinner. Revisão Técnica, Márcio Gonçalves, Caio Mário Ribeiro de Meira – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1996.

Carvalho, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão Crítica/** Petrópolis, Rj. Vozes. 2000

Catani, Afrânio Mendes e Paulo H. Martinez (orgs) **Sete Ensaios sobre o Collège de France**. São paulo, Cortez, 1999 (Col. Questões de nossa época) v. 72

Derrida, Jacques. **Salvo o nome**. Trad. Nícia Adm Bonatti- Campinas, S.P: Papyrus, 1995

Escosteguy, Ana Carolina D. **Cartografia dos Estudos Culturais- uma versão Latina Americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Fleuri, Reinaldo Matias. **Travessia: questões e perspectivas emergente na pesquisa em educação popular** - Reinaldo Matias Fleuri e Mariza Vorraber Costa – Ijuí: Ed. Unijui, 2000 (Coleção Livros de Bolsa)

Martinelli, Maria Lúcia Rodrigues, Maria Lúcia Rodrigues ON e Salma Tannus Muchail (orgs) **O uno e múltiplo nas relações entre as áreas do saber** – São Paulo: Cortez, 1995.
Vattimo, Gianni. **O fim da Modernidade. Niilismo e Hermenêutica na cultura pós-moderna**: trad. Eduardo Brandão – São Paulo, Martins Fontes, 1996

Mcclaren, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. Trad. Bebel. Orofino Schoefer. 2ª Ed. S. Paulo: Cortez, 1999- Coleção Perspectiva v. 3

Samprini, Andrea. **Multiculturalismo**. Trad. Laureano Pelegrin. – Baurú, S.P. E&usc, 1999.

Wortmann, Maria Lúcia Costagna. **Estudos Culturais da Ciência e da educação/ Maria Lúcia Costagna Wortmann e Alfredo Veiga Neto** – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Departamento de História e Geografia
Disciplina : Metodologia de Ensino de História 1º e 2º Grau
Professora : Eronides Câmara Donato
Aluna : Mara Karinne Lopes Veriato
Matricula : 29813261

PLANO DE AULA

Tema : Roma e Grécia : “Classificadas e divididas pela ciência.”

Justificativa

A ciência do Século XIX a partir do seu lugar de saber vê e compreender o mundo, nomeia as experiências humanas e divide a história em períodos distintos: Pré-história, História Antiga, História Medieval, História Moderna e Contemporânea. E ao dividir a história, os homens dessa ciência têm o objetivo de demarcar o seu lugar, pois, é a partir do seu lugar de homem racional, de homem ciente dos acontecimentos do seu tempo; que esse homem tem a pretensão de apresentar a verdade, verdade essa comprovada e testada pôr métodos consagrados pela a historiografia.

Objetivos Específicos :

1. Pensar como a mentalidade científica nomeia a experiência humana de Grécia e Roma enfatizando a idéia de uma evolução histórica.
2. Trabalhar o aspecto generalizador da ciência que ao dividir a história em estágios distintos e até opostos deixa de trabalhar as continuidades históricas.

Metodologia :

Discutir com a turma como a ciência alicerçada em seu lugar vai dividir a história a partir de uma série de estudos, e tomando por base tais estudos ela nomeia as experiências humanas de Grécia e Roma. Ao nomear, ao construir a história partindo-a, quebrando a ela correr o risco da generalização, ou seja, o homem do período Homérico, segundo a ciência do século XIX, sua cultura são diferentes do homem do período Arcaico, assim como, o homem da república Romana não é igual ao do período Imperial. Vamos discutir também que a postura de nomear tais períodos como se fossem uma gradação evolutiva é arriscado porque deixa uma série de experiências de lado, ou ainda corre o risco de não perceber, ou de não fazer perceber as continuidades que permeiam a história.

Para melhor apresentar a discussão em torno das nomeações e generalizações feitas pela ciência do século XIX vamos utilizar fotos, cartazes, slides, música e teatro.

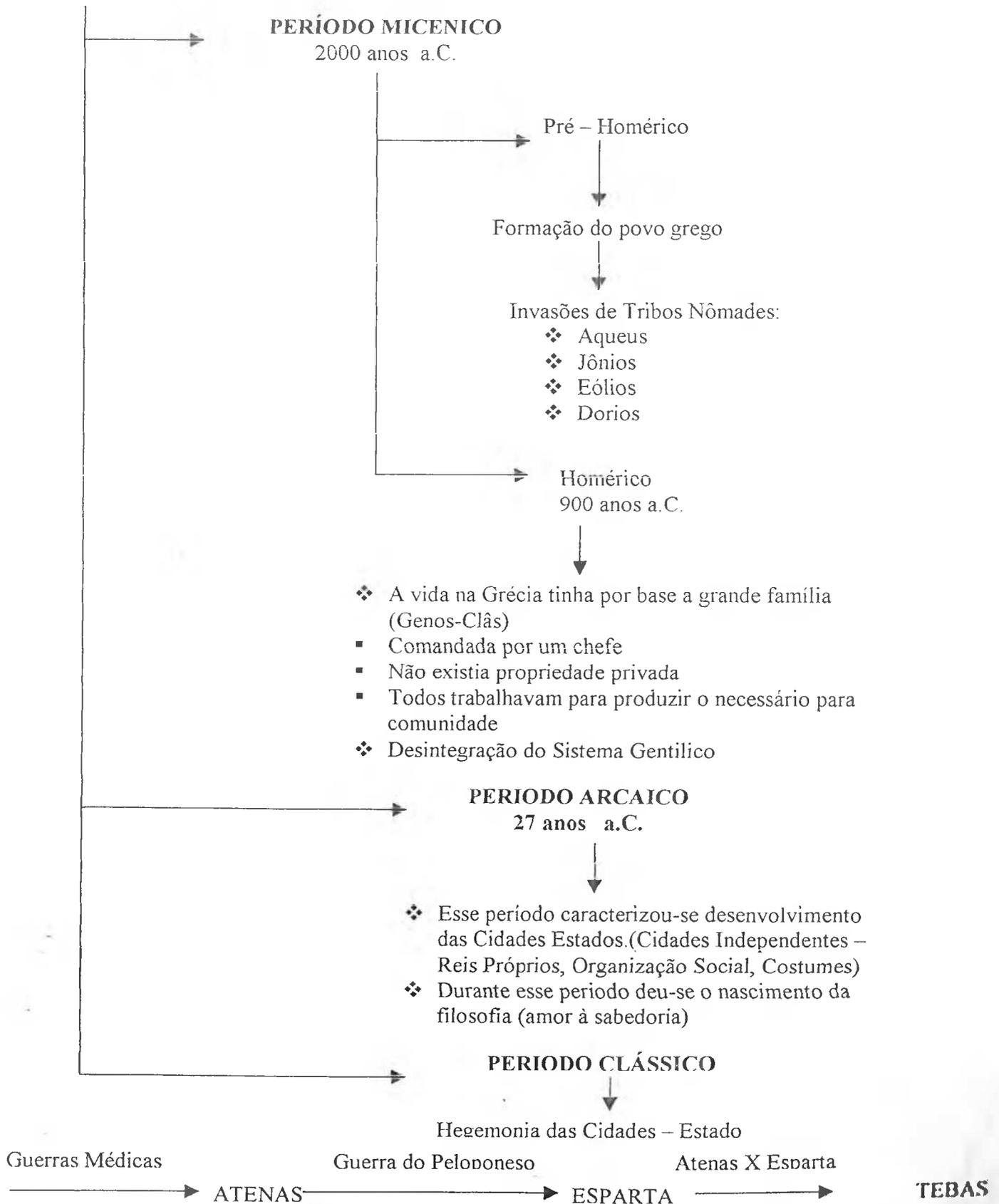
Avaliação

Para perceber de que forma a turma entendeu a discussão acerca do conteúdo ministrado e discutido, vamos propor a elaboração de um relatório de aula, onde os alunos vão poder dissertar livremente a respeito do assunto.

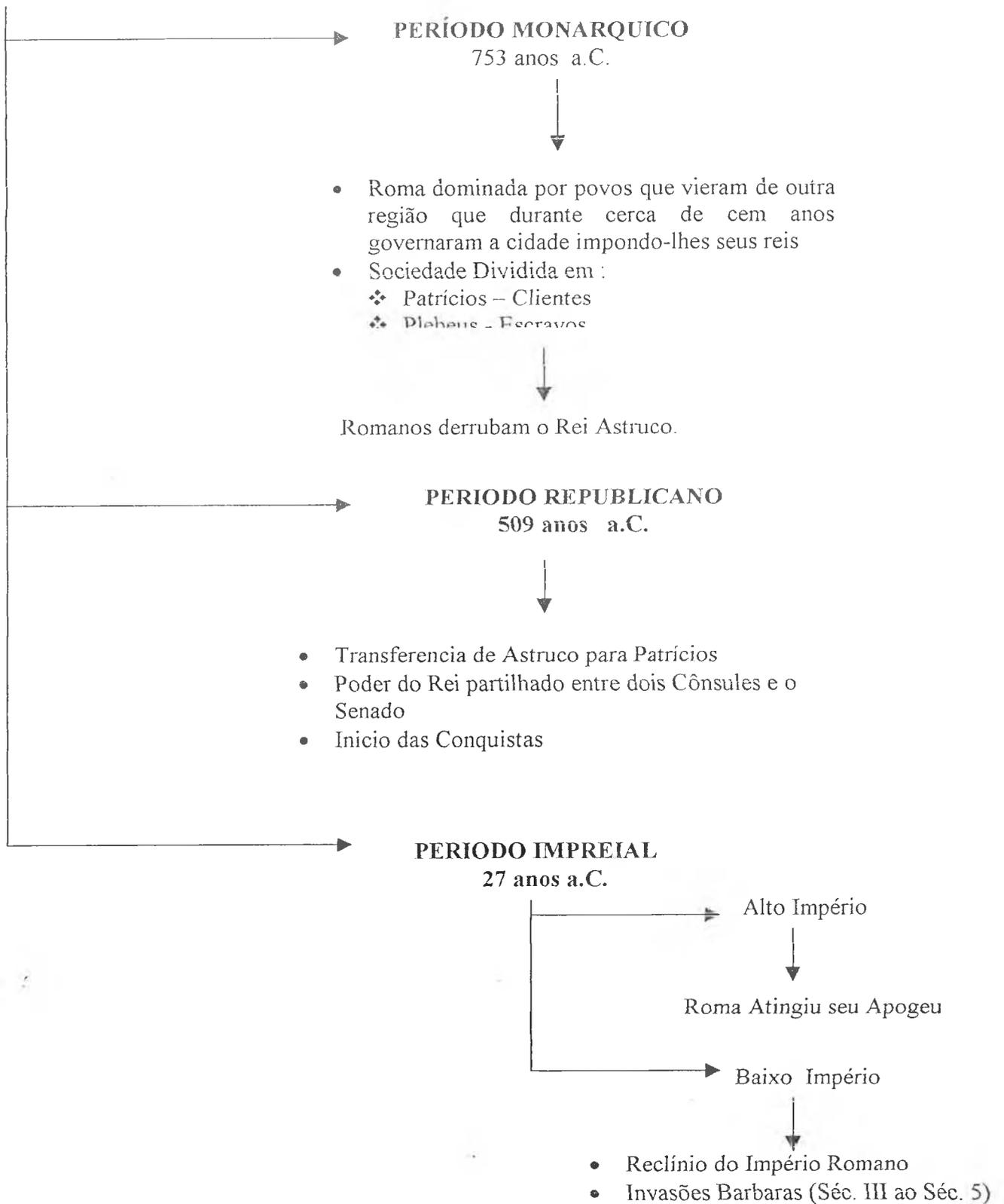
Bibliografia

- MORAIS, José Geraldo. De caminhos da civilização, história integrada e Brasil. São Paulo : Ed. Atual, 1998;
- PILETTI, Nelson. 1945, História e vida integrada. São Paulo : Ed. Ática, 2002;
- Revista Galileu Galilei – Dezembro de 2001;
- Revista Super Interessante – Julho de 2002.

GRÉCIA



ROMA



IDADE MÉDIA

IDADE MÉDIA (Alta Idade Média)

→ Localização da Idade Média.

→ Dois lugares para ler a Idade Média: Renascimento e Materialismo Histórico.

→ O Renascimento Humanista do séc. XVI, constrói uma idéia de Idade Média como o lugar da estagnação: “O Período das Trevas”.

→ O Materialismo Histórico (séc. XIX), vai tentar perceber este período através do modo de produção feudal, trabalhando com estruturas econômicas, políticas e sociais.

→ Estrutura Econômica ⇒ A Terra era a grande riqueza.

→ Estrutura Política ⇒ Suserano e Vassalo.

→ Estrutura social ⇒ sociedade hierarquizada e imóvel

Camada dominante: Clero e nobreza.

Camada dominada: servos, vilões

→ O caráter militar dessa sociedade faz emergir uma figura: O cavaleiro.

Baixa Idade Média (Crises)

✓ O sistema feudal vai perdendo fôlego. Porquê ?

Perceberemos as seguintes características:

- ✓ Aumento demográfico
- ✓ Renascimento comercial
- ✓ Renascimento urbano
- ✓ Corporações de ofício

Vamos nos deparar com a formação das Monarquias Feudais.

Manso: Terras dispostas de forma de forma ao contínua dentro das terras do senhor feudal.

Impostos:

Corvéia: Trabalho compulsório algumas vezes por semana.

Banalidades: Taxas pagas pelo uso do fogo, moinho, de qualquer coisa da propriedade senhorial.

Censo : Entregar parte da produção ao senhor.

Formariage: Taxa cobrada por ocasião do casamento.

Mão- morta: Imposto de transmissão que recaía sobre as heranças servis.

Albergagem: Entregar certa quantidade de gêneros alimentícios e abrigar o senhor feudal e sua comitiva.

Terras Comunais : São terras pertencentes ao senhor, porém ao de uso de todos (bosques, florestas).

Os acordos Vassálicos

- ✓ Homenagem: O indivíduo se reconhecia como “homem do senhor”.
- ✓ Juramento de fidelidade: Fazia esse juramento com a mão sobre a bíblia.
- ✓ Juramento de Investidura: consistia na entrega do feudo pelo senhor ao seu Vassalo.

Da primeira à oitava cruzada:

Primeira (1096-1099) – sob liderança de Godofredo de Bulhão, conquista Jerusalém e fundam o Reino de Jerusalém.

Segunda (1147-1149) – tinha como objetivo retomar o condado de Edessa, contudo fracassou.

Terceira (1189-1192) – chamada da “cruzada dos reis”, venceram os inimigos e conquistaram passagem livre para Jerusalém.

Quarta (1202-1204) – seu alvo principal era o Egito, contudo se envolveu em lutas dinásticas em Constantinopla e terminou destronando os pretendentes bizantinos e tomando o governo. Fugindo do seu objetivo inicial.

Quinta (1217-1219) – tentaram conquistar o Egito, mas fracassaram.

Sexta (1228-1229) – sob o comando do imperador Frederico II, usando mais diplomacia do que a força, firmou um tratado com os Turcos, pelo que obteve o controle de Jerusalém, Belém, Nazaré entre outros.

Sétima (1248-1254) e a Oitava (1270) – sob o comando do Rei francês Luís IX, ambas fracassaram. Na sétima, o rei foi aprisionado, tendo de ser resgatado por muito dinheiro, sendo que na oitava, o rei morreu de Tifo.

CULTURA NA IDADE MÉDIA

IDADE MÉDIA:

IDADE DO OBSCURANTISMO?
DA NOITE DOS MIL ANOS?
PERÍODOS DAS TREVAS?

MÚSICA: Sacra (Canto Gregoriano) ou Profana (Populares: músicas que exaltavam o espírito cavaleiresco)

TEATRO: Origens nas cerimônias e crenças religiosas

LITERATURA:

Escrita em latim.

Seus temas eram religiosos para comprovar a existência de Deus e da alma.

O pensamento medieval sofre influência dos gregos Platão e Aristóteles juntamente com Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. Esse conjunto de idéias ficou conhecido como Escolástica

A Divina Comédia de Dante Alighieri

Embora o tema seja religioso já mostra sinais de mudanças, Dante se preocupa com a condição humana dos personagens, a maneira como eles chegaram ao inferno, ao purgatório e ao paraíso

ARTE:

Representada principalmente pela arquitetura: templos, igrejas, mosteiros e palácios.

O IMPÉRIO MUÇULMANO

O Islamismo

- Por volta do ano 600, a península Arábica, entre a Ásia e a África, era habitada por algumas tribos árabes que sobreviviam basicamente do pastoreio.
- islamismo ou islão, religião fundada por Maomé, ensina que todos os homens são iguais perante Alá(Deus em árabe) e promete o paraíso aos verdadeiros crentes. O paraíso, segundo o islamismo, é um lugar de eterna primavera, com maravilhosos jardins e donzelas celestiais servindo bebidas perfumadas.
- Islamismo significa “submissão a Deus”. Daí o adepto do islamismo chamar-se islamita ou muçulmano(do árabe muslim, que significa “resignado à vontade de Deus”).
- Os muçulmanos crêem que os que morrem combatendo pela fé islâmica tem assegurado o paraíso. Isso explica o empenho demonstrado pelos árabes em todas as suas conquistas.
- Os sucessores de Maomé reuniram os preceitos do islamismo num livro chamado Corão, uma espécie de Bíblia dos muçulmanos. Eles acreditam que o Corão foi transmitido por Deus a Maomé, por intermédio do anjo Gabriel.

A expansão do islamismo

- Após a morte de Maomé, em 632, iniciou-se a guerra santa contra os infiéis do mundo inteiro. Segundo a tradição, o islamismo foi difundido por guerreiros que numa das mãos seguravam o Corão e na outra a espada.
- Em 711, atravessaram o estreito de Gibraltar e conquistaram quase toda a península Ibérica.

A civilização Árabe

- Maomé ordenou a seu povo que “procurasse o conhecimento, nem que fosse na China”. Seguindo essa ordem, filósofos e sábios árabes construíram uma das mais importantes civilizações da época.
- No campo das ciências, os árabes distinguiram-se na matemática, na química, na medicina e na física.

- Na **Matemática**, desenvolveram a álgebra e a trigonometria e propagaram o sistema de numeração indo-arábico, cuja invenção pertence aos hindus.
- Na **Química**, dedicaram-se principalmente à alquimia. Procuravam descobrir a pedra filosofal – substância que transformaria os metais em ouro – e o elixir da longa vida – substância que proporcionaria a juventude eterna. Não foram bem sucedidos nessa pesquisa, mas acabaram descobrindo novas substâncias e compostas, como o salitre, o álcool, o carbonato de sódio, etc.
- Na **Medicina**, fizeram importantes descobertas, como identificar o contágio por meio da água, do solo, de roupas, comida, vasilhas, etc. Descobriram antídotos para certos casos de envenenamento, montaram hospitais e organizaram cursos de estudos médicos.
- Na **Física**, iniciaram a ciência da óptica e desenvolveram as lentes de aumento e as de correção de defeitos da visão.
- Na **Agricultura**, difundiram novas técnicas e novos produtos. Introduziram na Espanha as técnicas de irrigação aprendidas no Egito e na Mesopotâmia.
- Os europeus devem aos árabes, também, o conhecimento da bússola, do papel da pólvora, pois foram eles que trouxeram tais inventos da China.

IMPERIO BIZANTINO

- No Século IV diante da gravidade da crise no Ocidente, o Imperador Constantino decidiu criar uma capital para o Oriente.



- **BIZÂNCIO** – Localização privilegiada (entre o Mar Negro e o Mar de Mármara)



CONSTANTINOPLA

- Império Bizantino, ou Império do Oriente, conservou viva a cultura e as tradições romanas durante muito tempo depois da queda de Roma.



- novo Imperador Oriental tornou-se o principal poder no Mediterrâneo e foi uma das culturas mais brilhantes da Idade Média.
- Fabricava artigos de Luxo e exportava pouco o Ocidente.
- valor da moeda de ouro bizantino era tão estável que se tornou a moeda usada em todo comércio internacional.
- Constantinopla pode construir belos e imponentes edifícios públicos.



- Império Bizantino desempenhou também um papel muito importante no sentido de defender os tesouros da civilização antiga. Suas bibliotecas guardaram as obras dos historiadores, sábios, poetas e oradores da antiguidade Grega e Romana. No Ocidente muitas dessas obras acabaram destruídas pelos Bárbaros.
- Império Bizantino atingiu seu apogeu durante o reinado do Imperador Justiniano (527-565 d.C.). Que pretendeu reconstruir a unidade do Império Romano.

O REINADO DE JUSTINIANO

- Reconquista da maior parte do antigo Império Romano do Ocidente.
- Atualização do Direito Romano.
- Após a morte de Justiniano, o Império Bizantino foi decaindo. Heráclio (610-641) foi o último grande Imperador Bizantino.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

CENTRO DE HUMANIDADES

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO

PROF^º: ERONIDES CÂMARA

ALUNO: _____

COLÉGIO: _____

SIMULADO

(HISTÓRIA)

Campina Grande, 23/ 09/ 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PRÁTICA DE ENSINO
SIMULADO REFERENTE AO I MÓDULO

ALUNO:

CAMPINA GRANDE, 24/09/2002.

01 – De acordo com o eixo temático do 1º seminário “A mentalidade científica e a construção de uma pré-história: a invenção Ocidental da humanidade”. Escreva um pequeno texto sobre como a ciência do século XIX nomeia e classifica o período “pré-histórico”.

02 - O mundo Oriental foi construído através de discursos e narrativas científicas que legitimam o seu lugar como o do “exótico” e do “atrasado. Considerando o texto acima, é correto afirmar que:

- a) O discurso da ciência representa a verdadeira realidade do oriente.
- b) Na antiguidade clássica, encontramos um total afastamento do pensamento mítico dando os primeiros passos para a razão Ocidental.
- c) Esse discurso justificou o processo de colonização européia no Oriente, colocando-os como “incapazes” de organização política, social e econômica.
- d) O discurso de inferioridade oriental foi organizado pelos Ocidentais para tentar penetrar no Oriente globalizado.
- e) Nenhuma delas é verdadeira.

03 - Explique o seu entendimento sobre o desejo de felicidade na Idade Média.

- 1) O discurso sobre os índios os classifica como selvagens, bárbaros e inferiores, enquanto os europeus são definidos como civilizados, racionais e superiores. Discuta sobre essas nomeações:
- 2) Segundo a historiografia ocidental, a mentalidade renascentista compreende a felicidade a partir da libertação dos dogmas. Baseado (a) nessa idéia aponte os “eventos” que contribuíram para representar esta libertação:
- 3) “A Reforma Protestante foi um evento que segundo a historiografia, marcou uma transformação radical na mentalidade cristã da sociedade inglesa e traçou o perfil de um novo homem moldado pela razão, o homem moderno.” Podemos pensar que houve realmente uma mudança radical na mentalidade cristã que separa o homem moderno do homem medieval? Justifique sua resposta:
- 4) Segundo a historiografia, a Inglaterra no século XVIII se apresenta como um lugar de instabilidade política, econômica e religiosa. A fundação das treze colônias se deu dentro desse contexto. Baseado num projeto de felicidade, várias ondas migratórias impulsionaram a colonização inglesa na América. Quais os ideais de felicidade projetados neste “Novo Mundo”?
- 5) “A Independência norte-americana é apontada pela historiografia como um ‘marco’ para a América, para a democracia, para a razão e portanto para busca da felicidade.” Discuta sobre este evento tendo como referência a constituição dos EUA (1ª das Américas) e suas contradições.
- 6) “A Formação dos Estados nacionais e o Absolutismo Monárquico são apresentados nos livros que estudamos como ‘marcos’ imprescindíveis para a entrada do homem no ‘Período das Luzes’.” Entretanto, discutimos que mesmo neste ‘Período de Iluminação’, muitas foram as trevas experimentadas pelos indivíduos. A partir disso, marque a alternativa (a) correta (a):
 - a) A Noite de São Bartolomeu demonstra que o ‘homem moderno’ tinha sua vida e seus propósitos orientados pela razão.
 - b) A medida que reis católicos e protestantes se revezavam no poder, também se revezava a religião tida como oficial e que portanto deveria ser praticada por todos, o que demonstra a importância e o poder da religião no ‘Período da Razão’.
 - c) A idéia que NAÇÃO que surge no ‘Período Moderno’ tem como objetivo proporcionar a felicidade do homem, e isto foi conseguido como a homogeneização dos indivíduos em um único território, vivificando uma única cultura, falando uma mesma língua, praticando uma mesma religião.
 - d) Teorias como a do Direito Divino, a do Bom Selvagem, a do Contrato Social, do Déspota Esclarecido, que justificavam o Absolutismo Monárquico, apontam para o uso da razão em prol de projetos que excluíam opiniões e atitudes diferentes, sendo a felicidade um direito apenas dos que usassem a razão (aqueles que respeitassem e seguissem as regras).

7) A Ciência nomeou, definiu, classificou o homem de acordo com os Períodos da História, que segundo ela começam na “Pré-história” e vão até os dias de hoje (“Período Contemporâneo”). Discuta como é possível identificar essa relação de classificação do “outro” enquanto ser inferior feito pela Ciência europeia, no que se refere às “Grandes Navegações” e ao Encontro entre as culturas da Europa e do “outro” que foi nomeado de índio.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES.
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DE HISTÓRIA PARA
VESTIBULAR

TEMA: Contemporaneidade, Cultura e Política.

EIXO TEMÁTICO: "Modernidade: a Construção e o Poder das Identidades"

Questões:

1º. Cidadania, justiça, igualdade, liberdade, democracia política, fraternidade, e direitos individuais foram lemas da Revolução Francesa e são ainda hoje, temas discutidos e reivindicados em diversos pontos do mundo. Influenciados por esses ideais que correntes de pensamento dominaram o cenário europeu no século XIX?

2º. A Independência do Brasil foi um processo pautado nos ideais da Revolução Francesa que estava inserida na modernidade. Explique as contradições da modernidade no Brasil através de uma análise geral do período imperial neste país (1822-1889)?

3º. Faça uma análise sobre a crise da modernidade tendo como eixo explicativo a Quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929.

4º. Nos discursos da modernidade toda e qualquer identidade é construída em função de tendências sociais e projetos culturais em um contexto marcado por relações de poder. Identificar os sujeitos sociais e políticos que participarem do projeto de identidade Nacional Brasileira a partir dos anos 30.

5º. Comente o conceito de pós-modernidade através das transformações ocorridas no Brasil e no mundo a partir da intensificação do processo de globalização.

INSCRIÇÕES

No lugar da divulgação e no
Departamento de História e
Geografia dos dias
8 a 12/07/2002 das 8:00h às
12:00h e das 14:00h às
18:00h

Local dos seminários: Hall
das Placas sala 15

Dias de apresentação dos
seminários: 16, 23 e 30 de
julho.

Horário: 18:00h às 21:00h

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE
CENTRO DE
HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE
HISTÓRIA E GEOGRAFIA

SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DE HISTÓRIA PARA O VESTIBULAR

Coordenadora: Eronides
Câmara Donato

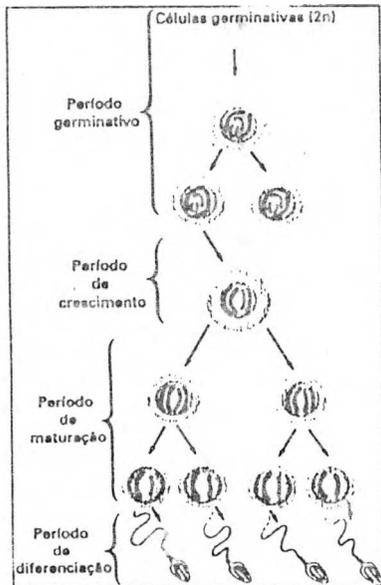
1º Módulo: Pré-história
Antiguidade e Idade
Média

Ministrantes:
Aleksandra Pedrigues da
Silva
Juciene Batista Félix
Mara Karine Lopes
Veriato
Raquel Koch

A N E X O – Capitulo III

40. Na espermatogênese, representada na figura ao lado, o período de _____ é caracterizado por _____

- divisões mitóticas que dão origem à espermatogônias (2n).
- período sem divisão celular onde as espermatídes sofrem diferenciação formando os espermatozoides.
- período sem divisão celular onde cada espermatogônia aumenta de volume originando os espermatócitos I (2n).
- aparecimento de espermatócitos I, após a meiose I, com n cromossomos duplicados.
- formação de espermatídes (n) através de divisões meióticas do espermatócito I (2n).



(Adaptado de LOPES, S., Bio, V. 1, Saraiva: S. Paulo: 1997)

41. Com relação à estrutura da membrana plasmática, é correto afirmar:

- O modelo mais aceito, atualmente, é o "Mosaico Fluido", onde as proteínas formam uma bicamada e a porção glicídica forma o glicocálix.
- As proteínas podem estar na superfície da bicamada lipídica ou totalmente mergulhadas entre os fosfolipídios, atravessando a membrana de lado a lado.
- As proteínas encontram-se mergulhadas somente na bicamada lipídica e devido ao glicocálix é que algumas moléculas passam através da membrana plasmática.
- Os fosfolipídios se deslocam continuamente, sem perder o contato uns com os outros, o que facilita a passagem de íons através da membrana plasmática.
- O glicocálix é uma malha de glicídios, encontrado na superfície interna das membranas, protegendo a célula, atuando como uma malha de retenção de nutrientes e enzimas.

42. Os organismos como os cajueiros, os gatos, as amebas e as bactérias possuem, em comum, as estruturas:

- lisossomos e peroxissomos
- retículo endoplasmático e complexo de Golgi
- retículo endoplasmático e ribossomos
- ribossomos e membrana plasmática
- ribossomos e centríolos

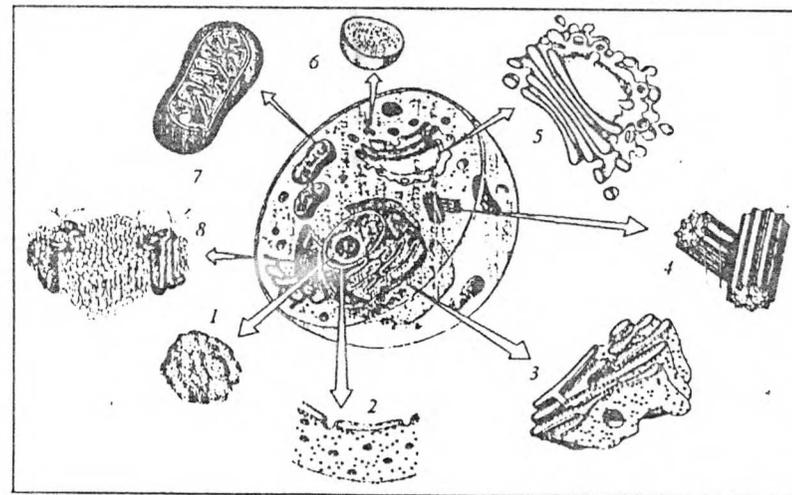
43. Considere as frases:

A cromatina e os cromossomos são diferentes estados morfológicos do _____ associado a _____. Esses estados morfológicos são encontrados em diferentes fases do ciclo celular, denominadas _____ e _____, respectivamente.

As lacunas são preenchidas corretamente pela seqüência:

- DNA / proteínas / interfase / mitose
- DNA / RNA / interfase / meiose
- RNA / proteínas / fase S / mitose
- RNA / DNA / interfase / metáfase
- DNA / proteínas / anáfase / meiose

44. As figuras abaixo representam organelas e estruturas citoplasmáticas.



(Adaptado de CÉSAR & SEZAR, *Biologia*, v. 1, Saraiva: S. Paulo: 1995)

De acordo com essas representações, é INCORRETO afirmar:

- As organelas 3 e 5 são mais desenvolvidas nas células com intensa atividade secretora, como nas glandulares do intestino e pâncreas que sintetizam enzimas digestivas.
- As organelas 7 e 8 são muito importantes no transporte ativo, porém, sem a presença da organela 7, este transporte não ocorre.
- As organelas 2 e 8 possuem a mesma constituição, lipoprotéica, no entanto os poros presentes na organela 8 são maiores que os da organela 2.
- Durante a divisão celular, a estrutura 1 desaparece e a 4 encontra-se duplicada.
- As organelas 3 e 6 são importantes na digestão celular e a organela 6 possui as enzimas hidrolíticas que foram sintetizadas na organela 3.

VI - HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL

Religiosidade e Religiões

A crença pessoal e coletiva na existência de uma realidade ou de forças sobrenaturais é uma característica marcante em todas as sociedades humanas. Frequentemente, a religiosidade se manifesta através de narrativas mitológicas, explicações teológicas, rituais e normas de comportamento.

A persistência de determinadas práticas religiosas pode se transformar em movimentos religiosos, organizados segundo uma hierarquia de papéis de seus componentes e uma doutrina que estabelece as regras dos cultos e da vida moral de seus participantes.

As religiões exercem uma forte influência sobre as diversas atividades da vida social, sejam ética, política, econômica, artística, etc., quase sempre gerando conflitos entre os ideais religiosos e os interesses seculares tanto de seus seguidores, quanto de seus adversários.

A religiosidade e as religiões formam, pois, um conjunto de sentimentos contraditórios que simbolizam o desejo pessoal de elevação espiritual, a adequação do homem a preceitos divinos, a superação da imperfeição da vida terrena e a vontade de conservar e fortalecer os laços da unidade social.

Desse modo, devemos entender que "os mais bárbaros ritos ou os mais bizarros, os mais estranhos mitos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto, seja individual, seja social da vida. (...) Portanto, no fundo, não existem religiões falsas. À sua maneira, todas são verdadeiras, todas respondem, mesmo de diferentes formas, a condições dadas da existência humana". (DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. In: Os Pensadores. 2.ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 206).

Considerando a importância das religiões e da religiosidade, as questões abaixo trabalham esses temas em vários períodos da história.

45. O modo particular como uma determinada cultura, sociedade ou corrente historiográfica explica e justifica os acontecimentos históricos é chamado de "Visão de História". Sendo assim, uma Visão Teológica da História pode ser caracterizada por

- I. acreditar na explicação científico-evolutiva do processo histórico.
- II. explicar os fenômenos históricos a partir da idéia de acasamento.
- III. entender a história como a realização de um projeto divino.
- IV. justificar os acontecimentos a partir da idéia de destino.

Estão corretas apenas as afirmativas

- a) I e II b) I, III e IV **(c) III e IV** d) I, II e III e) II e IV

46. Embora tenha como objeto de estudo as experiências humanas do passado, o conhecimento histórico reflete os interesses do tempo presente. Por isso, os historiadores utilizam-se de idéias e noções elaboradas pela biologia, antropologia, sociologia, etc. que possam responder às curiosidades de seus contemporâneos. Duas importantes teorias explicativas da origem do homem marcaram as obras dos historiadores de modo especial: Criacionismo e Evolucionismo.

Sobre essas teorias, associe a cada uma delas suas respectivas características.

- | | |
|-------------------|-------------------|
| (1) Criacionismo | (2) obra do acaso |
| (2) Evolucionismo | (1) darwinismo |
| | (2) plano divino |
| | (1) gênese |
| | (2) big bang |

A seqüência correta é

- a) 1, 2, 1, 2, 1. c) 2, 1, 1, 2, 1. e) 1, 1, 2, 2, 1.
b) 1, 2, 1, 1, 2. **(d) 2, 2, 1, 1, 2.**

47. A religiosidade na Roma antiga considerava os rituais como elemento fundamental para a manutenção da vida em sociedade. Na prática, a vida religiosa romana era determinada pela origem social e o gênero dos participantes, criando uma Religião Oficial e uma não-Oficial. A respeito dessa divisão, é correto afirmar:

- a) A Religião Oficial era exercida por todos os homens e mulheres livres.
- (b) A Religião não-Oficial era associada às práticas de magia e de bruxaria.**
- c) A Religião Oficial era exercida apenas por homens, livres ou escravos.
- d) A Religião não-Oficial era exercida apenas por homens escravizados.
- e) A Religião Oficial era exercida independente dos interesses públicos.

48. A vida religiosa na Grécia antiga era organizada de acordo com vários rituais e doutrinas, dividindo-se em Religião Pública e Religião Familiar. Considerando a importância da religião para a sociedade grega, é possível identificar como aspectos de sua função social:

- I. Proporcionar a paz temporária e a união entre as cidades.
- II. Permitir a participação das mulheres na vida democrática.
- III. Favorecer o desenvolvimento das artes dramáticas.
- IV. Defender a necessidade de se acreditar em um único Deus.

Estão corretos apenas

- a) I e II b) I, II e IV **(c) I e III** d) I, II e III e) II e IV

49. O Cristianismo surgiu como doutrina religiosa durante o reinado do Imperador Otávio Augusto (27 a. C. – 14 d. C.). Com a sua expansão pelo Império Romano, tornou-se uma religião

- (a) dirigida com forte apelo social às camadas populares.**
- b) voltada para a legitimação da ordem social romana.
- c) orientada pelos rituais dos cultos pagãos tradicionais.
- d) organizada segundo os interesses políticos imperiais.
- e) administrada pelos líderes religiosos romanos.

50. A Igreja Católica do Oriente tem suas origens na desagregação do Império Romano, fortalecendo-se a partir do agravamento e da ruptura das relações entre a Igreja Católica Romana e o governo bizantino. Esse rompimento foi marcado por acontecimentos como:

- a) Cesaropapismo, Iconoclastia, Inquisição.
- b) Diáspora, Iconoclastia, Monofisismo.
- c) Cesaropapismo, Inquisição, Monofisismo.
- d) Diáspora, Iconoclastia, Inquisição.
- (e) Cesaropapismo, Iconoclastia, Monofisismo.**

51. A Idade Média foi marcada pelo poder da Igreja Católica, que tentava manter sob controle a crença religiosa, utilizando-se de métodos repressivos a todas as formas de religiosidade contrárias aos seus dogmas. Sobre estas questões que caracterizavam o mundo feudal, é INCORRETO afirmar:

- a) A denominação bruxa era dada às mulheres que contrariavam os princípios cristãos.
- b) As ações e crenças contrárias aos dogmas da Igreja eram denominadas heresias.
- (c) Os tribunais de inquisição criados pelos reis medievais tinham como função identificar e julgar os hereges.**
- d) As Cruzadas eram expedições militares que, organizadas pela cristandade, assumiam um caráter de "Guerra Santa".
- e) Os pagãos eram os povos que não professavam a fé cristã.

52. A Igreja Católica elaborou um código de ética, moral e conduta que definia o comportamento, os costumes e ações da sociedade medieval. Sobre cultura e vida cotidiana da Idade Média, é correto afirmar:

- (a) A crença no Deus cristão era o princípio que norteava todas as atividades humanas, pois, de acordo com a Igreja, todas as ações deveriam ser abençoadas.**
- b) A idéia de salvação passava pelo pagamento dos dízimos, por uma existência de luxo e apego aos bens terrenos.
- c) O tempo era medido pelo toque dos sinos dos palácios medievais que determinavam as horas de repouso e de trabalho, de oração e de festas.
- d) A Igreja determinava que todos os monges deveriam se recolher aos conventos para meditar, sem manter nenhum contato com o mundo terreno.
- e) A alfabetização era estimulada pela Igreja para que todos pudessem ler a Bíblia e os pensadores clássicos, copiados e traduzidos pelos monges.